

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Maiccheli Costenaro da Silva

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA ANÁLISE DE UM  
LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO

Passo Fundo

2017

Maiccheli Costenaro da Silva

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA ANÁLISE DE UM  
LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO

Monografia apresentada ao curso de Letras,  
Português – Inglês e Respectivas Literaturas, do  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da  
Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial  
para a obtenção do grau de Licenciada em Letras,  
Português – Inglês e Respectivas Literaturas, sob  
orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia da Silva Valério.

Passo Fundo

2017

Maiccheli Costenaro da Silva

**Varição linguística: uma análise de um livro didático do 6º ano**

Monografia apresentada ao curso de Letras, Português – Inglês e Respectivas Literaturas, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras, Português – Inglês e Respectivas Literaturas, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia da Silva Valério.

Aprovada em 07 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia da Silva Valério – UPF

---

Prof<sup>a</sup>. M<sup>a</sup>. Elisane Regina Cayser - UPF

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por sempre guiar meu caminho. À minha família, por estar sempre ao meu lado, apoiando e incentivando em todos os momentos. À professora Patrícia da Silva Valério, por sua dedicação e apoio durante todas as etapas da realização deste trabalho. Aos meus amigos e a todos que de algum modo participaram na concretização desse projeto. Muito obrigada a todos.

A pátria não é a raça, não é o meio, não é o conjunto dos aparelhos econômicos e políticos: é o idioma criado ou herdado pelo povo.

Olavo Bilac

## RESUMO

Este trabalho tem como temática os aspectos da variação linguística sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, e seu principal objetivo é analisar se o livro didático de língua materna utilizado pelo sexto ano do ensino fundamental, na rede municipal de ensino de uma cidade localizada na região da serra do estado do Rio Grande do Sul, aborda o conteúdo “variação linguística”, bem como o modo como essa abordagem é realizada. A presente pesquisa faz uso de uma metodologia de cunho qualitativo e bibliográfico, visto que visa aprofundar conhecimentos sobre a Variação Linguística, para, posteriormente, realizar o estudo do material didático de Língua Portuguesa. Ao final do trabalho, apresenta-se a análise do referido material, a qual revela presença do conteúdo de variação, porém somente em determinada seção, não estando, desse modo, de acordo com o que é previsto por pesquisadores dos estudos linguísticos tomados como fundamentação teórica.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Variação Linguística. Livro didático. Língua Portuguesa.

## ABSTRACT

This paper deals with aspects of linguistic variation from the perspective of Variationist Sociolinguistics. The main objective of this study is to analyze whether the textbook of the mother tongue used by the sixth year of elementary school in the municipal school network of a city located in the region of the state of Rio Grande do Sul addresses the content "linguistic variation" how this approach is carried out. This work makes use of a qualitative and bibliographical methodological approach, since it aims to deepen knowledge about Linguistic Variation, to later carry out the study of didactic material of Portuguese Language. At the end of this work, the analysis of the material is presented, which reveals the presence of the linguistic variation content in the textbook under analysis, but only in a certain section, not being in accordance with what is predicted by theorists of the linguistic studies that support this work.

**Keywords:** Sociolinguistics. Linguistic Variation. Textbook. Portuguese language.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 LÍNGUA E VARIAÇÃO .....	11
2.1 Sociolinguística: o campo da variação linguística.....	13
2.2 O conceito de variação linguística .....	15
3 POR QUE É IMPORTANTE ESTUDAR VARIAÇÃO LINGUÍSTICA? .....	21
4 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO .....	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	39
ANEXOS .....	41

## 1 INTRODUÇÃO

É através da língua que as pessoas se comunicam e que as heranças socioculturais de comunidades linguísticas são passadas entre as gerações. Por estar em constante mudança, a língua é heterogênea, dessa forma, não existe apenas um modo de falar utilizado por todas as pessoas, ao contrário: ela apresenta variações. E são essas variações linguísticas que caracterizam uma comunidade de fala. Uma criança é exposta, primeiramente, às variações linguísticas que existem na comunidade em que vive. Na maioria das vezes, somente ao ingressar no ambiente escolar será apresentada ao denominado padrão culto ou norma culta da língua.

Tendo em vista que a língua apresenta variações e que estas estão presentes na fala das pessoas, é imprescindível que os alunos tenham conhecimento sobre tal fato para que, desse modo, não se propague um discurso que se encontra presente na sociedade atual de preconceito em relação a certos usos da língua, quando se julga que apenas o padrão culto está correto e que as demais variantes existentes estão fora das normas estabelecidas, portanto erradas.

Cabe questionar, então, se os materiais didáticos de língua materna que são disponibilizados aos professores e alunos como forma de complementar o ensino, apresentam ou não o conteúdo de “variação linguística” e de que modo este é abordado. Dessa maneira, o presente trabalho busca investigar se o livro didático de Língua Portuguesa utilizado pelo sexto ano do ensino fundamental, na rede municipal de ensino de uma cidade localizada na região da serra gaúcha do estado do Rio Grande do Sul, aborda o conteúdo “variação linguística”, bem como o modo que essa abordagem é realizada<sup>1</sup>.

Este trabalho monográfico utiliza uma metodologia qualitativa bibliográfica, pois aprofunda os conceitos de variação linguística por meio de estudos teóricos acerca do tema. Os autores que constituem o corpus teórico desta pesquisa são: Saussure (2012), Mendes (2015), Alkmin (2001), Mollica (2017), Camacho (2001), Beline (2015), Bechara (2015), Faraco (2015) e Gnerre (1998).

Por conseguinte, esse trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo aborda, na primeira seção, os conceitos de língua apresentados por alguns dos mais importantes estudiosos do assunto, entre eles Ferdinand de Saussure, considerado o fundador da Linguística,

---

<sup>1</sup> É preciso informar a publicação do livro *Sete erros aos quatro ventos*, de Marcos Bagno, que apresenta uma proposta de análise semelhante a que se propõe nesta pesquisa, contudo destaca-se que a proposta deste trabalho é mais singela e realiza apenas um recorte do trabalho realizado pelo autor. Em razão do tempo destinado à construção deste trabalho, não foi possível contemplar a importante pesquisa de Bagno (2013).

bem como Noam Chomsky, que apresenta uma visão contrária à visão Saussuriana, e William Labov, pioneiro nos estudos da variação linguística. Na segunda seção, contextualiza-se a Sociolinguística, definindo seu campo de atuação, para que, na terceira seção, o conteúdo de variação linguística possa ser abordado e caracterizado, com base nos teóricos já referenciados.

O segundo capítulo, por sua vez, expõe sobre o motivo pelo qual se deve estudar o conteúdo “variação linguística” nas escolas. Como base norteadora dos estudos, os *Parâmetros Nacionais Curriculares* e os *Referências Curriculares do Rio Grande do Sul* são utilizados, pois são eles que traçam as diretrizes de ensino que devem ser utilizadas pelos professores de língua materna.

O terceiro e último capítulo deste trabalho apresenta a análise do livro didático utilizado pelo sexto ano do ensino fundamental, em uma cidade da região da serra gaúcha. A análise está pautada nos dois capítulos anteriores.

## 2 LÍNGUA E VARIAÇÃO

Este capítulo tem o objetivo de conceituar a variação linguística para, posteriormente, realizar uma análise de sua abordagem no livro didático de língua materna do sexto ano do ensino fundamental. Assim, serão apresentados os principais conceitos acerca do referido tópico.

Antes de definir o conceito de variação, é preciso resgatar o conceito de língua do qual este estudo parte. Para compreender o que é a língua, se faz necessário retomar o que alguns dos principais estudiosos desse assunto dizem a respeito. Ferdinand de Saussure, em seus estudos, traz a oposição entre língua e fala (*langue e parole*):

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. (2012, p. 41)

A escolha de Saussure pela língua foi necessária para que se pudesse definir o objeto de estudo da Linguística, e assim instituí-la como ciência. Vanz, em seu trabalho de conclusão de curso, diz que, “na visão do linguista, a língua não pode ser modificada pelo falante, pois esse obedece às leis do ‘contrato social’ estabelecido pela comunidade linguística.” (2014, p. 12). Em contrapartida, no que se refere à fala, a autora afirma que segundo os estudos de Saussure “a fala é individual e heterogênea, podendo ser caracterizada como a manifestação concreta da *langue*, é o que o sujeito busca, vivencia e combina a partir dos signos da língua. ” (VANZ, 2014, p.12).

Dessa forma, em seus estudos, Saussure define a língua por ela mesma, como o único objeto de estudo da Linguística, pois, segundo o autor, os fatos linguísticos se encontram internos à linguagem e não em uma existência extralinguística. Ao criar a noção de arbitrariedade, Saussure caracteriza a língua como uma convenção social e revela a importância de estudar as diferenças que a constituem, e não apenas as semelhanças.

Posteriores aos estudos saussurianos, as observações realizadas por Noam Chomsky marcam uma nova etapa na idealização do que é a língua. Na visão chomskyana, todo ser humano nasce com a capacidade de aprender uma língua, pois essa é uma condição inata. De acordo com Mendes (2015), uma criança não precisa ser exposta, desde pequena, a todas

as proposições existentes para que se torne, futuramente, uma pessoa competente no uso da gramática da língua em que está inserida, pois esse conhecimento já se encontra em seu entendimento. Em síntese, Chomsky apresenta uma visão biológica da língua.

Com o surgimento da nova ciência denominada Sociolinguística, William Labov dá início aos estudos da mesma temática, em oposição à visão chomskyana. Segundo Labov, a língua não se trata de algo inato e biológico, mas sim de uma convenção social. De acordo com Mendes, “para Labov, a língua não se “localiza” na mente de seu falante, mas no seu uso por uma comunidade de falantes.” (2015, p. 113). E continua explicando através da seguinte afirmação: “daí segue que as intuições sobre a gramática de uma língua [...] devem ceder lugar às ocorrências, aos dados que a fala das pessoas oferece.” (MENDES, 2015, p. 113).

Em suma, apesar de visões opostas em relação a um mesmo assunto, Chomsky e Labov veem a língua como um meio de comunicação entre pessoas de um mesmo grupo de falantes. Desse modo, é possível dizer que é por meio da linguagem que as pessoas interagem umas com as outras,

Pois sua principal finalidade é servir como veículo de comunicação. Para tanto, cada língua mobiliza seus próprios signos de forma heterogênea. É através dessas mobilizações que um povo expressa sua cultura, suas convenções, seus pensamentos e ideias. (VANZ, 2014, p. 13).

Sendo assim, “linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano” (ALKMIN; CAMACHO, 2001, p. 1).

Nesse sentido, se faz necessário investigar se os livros didáticos de língua materna utilizadas no ensino fundamental de uma escola da região da serra do estado do Rio Grande do Sul apresentam ou não uma noção de língua próxima da idealizada pelos autores acima citados.

De acordo com Mollica (2017), as línguas apresentam as contrapartes fixa e heterogênea de forma a exibir unidade em meio à heterogeneidade. Fixa, pois existe uma língua na qual todos os membros de uma determinada sociedade linguística estão inseridos, e que utilizam para se comunicar entre si. Heterogênea, em razão de que a mesma língua passa por variações, podendo ser pronunciada de maneira diferente em determinados contextos. Desse modo, “encontram-se assim formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do

subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo.” (MOLLICA, 2017, p. 9).

A própria Língua Portuguesa ou língua materna se encontra repleta de exemplos de heterogeneidade. Um deles é trazido por Mollica (2017) no livro *Introdução à Linguística: o tratamento da variação*, em que se refere ao pronome “tu” como preferencialmente utilizado na região sul do país, quando o falante se relaciona com outra pessoa. O mesmo pronome é encontrado, utilizado dessa maneira, em menor escala em outras regiões do Brasil.

Outro exemplo apresentado pela autora em seu livro é este:

Construções sintáticas como “eu vi *ele* ontem”, “nós fomos *no* Maracanã”, “é o tipo de matéria que eu não gosto *dela*”, “a Linguística, *ela* é muito difícil” estão presentes no português do Brasil (PB), alternando com os equivalentes semânticos “eu *o* vi ontem”, “nós fomos *ao* Maracanã”, “é o tipo de matéria de que eu não gosto”, “a Linguística é muito difícil”. (MOLLICA, 2017, pág. 09)

Os exemplos anteriormente apresentados demonstram o quanto uma mesma língua pode sofrer mudanças, contudo sem alterar seu entendimento por parte dos outros falantes. Logo, “se uma língua é um sistema, a variação linguística é o fato observado nos seus diferentes subsistemas.” (MENDES, 2015, p. 114).

## 2.1 Sociolinguística: o campo da variação linguística

Dentro da Linguística existe uma subárea denominada Sociolinguística. De acordo com Mollica (2017, p. 09), essa ciência tem seus estudos direcionados à língua em seu uso dentro das comunidades de fala, concentrando seu foco a uma investigação que visa relacionar as referências linguísticas e sociais, com enfoque nos usos linguísticos reais, em particular à qualidade heterogênea da língua.

Segundo Alkmin e Camacho (2001), o termo Sociolinguística fixou-se, mais precisamente, no ano de 1964, a partir da realização de um congresso, organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), em que estavam presentes teóricos que posteriormente se tornaram referências nos estudos direcionados à questão da relação entre linguagem e sociedade. Dessa forma,

A proposta de Bright para a Sociolinguística é a de que ela deve “demonstrar a covariação sistemática das variações linguísticas e social. Ou seja, relacionar as

variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade”. (ALKMIN; CAMACHO, 2001, p. 28).

A autora ressalta ainda que “a Sociolinguística nasce marcada por uma origem interdisciplinar [...] precedido pela atuação de vários pesquisadores, que buscavam articular a linguagem com aspectos de ordem social e cultural.” (ALKMIN; CAMACHO, 2001, p. 29).

Em outras palavras, de acordo com Mollica, a Sociolinguística estuda não as diferentes línguas existentes dentro de uma comunidade, uma vez que o Brasil, por exemplo, é um país

Plurilíngue, pois, além do português, há em nosso território cerca de 180 línguas indígenas, de comunidades étnico-culturalmente diferenciadas, afora as populações bilíngues que dominam igualmente o português e línguas do grupo românico, anglo-germânico e eslavo-oriental, como em comunidades multilíngues [...]. (2017, p. 10).

Tendo em vista que a Sociolinguística busca estudar a relação entre a língua e sua comunidade, faz-se necessário questionar se os alunos são apresentados a esse conceito dentro das salas de aula, em especial nas aulas de Língua Portuguesa de uma escola da região da serra do estado do Rio Grande do Sul.

Conforme Alkmin e Camacho (2001), a Sociolinguística ocupa-se do estudo da língua em seu contexto de uso, inserido em uma determinada comunidade de fala. Dessa maneira,

Uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras. (ALKMIN; CAMACHO, 2001, p. 31).

Em suma, o principal objetivo da Sociolinguística é estudar a língua falada, analisando e descrevendo o seu uso no contexto que está inserida. Os estudos sociolinguísticos demonstram, assim, que existe muito mais, além da forma que é ensinado nas escolas, como único e correto modo de falar. O que, de acordo com Mendes (2015), os sociolinguistas habitualmente denominam de variantes de prestígio.

Nesse sentido, é importante conhecer o que afirma Alkmin e Camacho a respeito da abordagem exclusiva da língua padrão culta na escola:

Impor com exclusividade a norma padrão, misturar uma pitada de intolerância para com a variedade que as crianças dominam são os ingredientes de uma receita infalível que se resume na rejeição à língua e no desenvolvimento de um processo de insegurança linguística. (2001, p. 79).

Essa insegurança linguística, citada pelo autor, ressalta a importância de haver um enfoque maior para as diferentes variantes existentes dentro do ambiente escolar, para que as crianças compreendam que, “em vez de ‘certo/errado’, seria sociolinguisticamente mais apropriado entender que, entre as possibilidades que uma língua oferece e que são factualmente atestadas nos usos, haverá valores, significados sociais a elas associados.” (MENDES, 2015, p. 117).

As noções de modo correto e errado de fala surgem em razão da existência das variáveis linguísticas. Essas, por sua vez, são as diferenças no modo de falar encontradas na mesma língua, que podem perpassar todos os níveis sintáticos. As variáveis linguísticas serão novamente retomadas na próxima subseção deste capítulo, o qual aprofundará esse conceito.

Sendo assim, cabe indagar: o trabalho com a variação linguística está presente na abordagem de língua de livros didáticos de sexto ano? Se sim, de que modo esse conteúdo se apresenta?

Sobre as diferentes variáveis linguísticas existentes, Mollica explica que

Cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. (2017, p.11)

Por meio dessa investigação, segundo Mollica (2017), o sociolinguista compreenderá que tanto as variações quanto as mudanças linguísticas são contextualizadas, assim, e integram um complexo de paradigmas constituído de princípios e níveis inúmeros.

De acordo com Alkmin e Camacho (2001), a Sociolinguística verá as múltiplas possibilidades de uma língua, não como uma adversidade, mas como algo próprio daquilo que caracteriza o fenômeno linguístico. Nessa perspectiva, se um sociolinguista tentar compreender apenas o sistema formal, invariável, implicará em uma restrição da total percepção do que é o fato linguístico, pois o ponto de vista formal e estruturado que o constitui não abrange sua totalidade, mas sim apenas uma de suas partes.

## **2.2 O conceito de variação linguística**

Como o objetivo principal deste trabalho é investigar a presença do conteúdo de “variação linguística” em livro didático de língua materna utilizado pelo sexto ano do ensino fundamental, esta subseção tem por finalidade conceituar o que é variação linguística.

Como parte da Sociolinguística, se encontram os estudos voltados às variações presentes na língua. Entende-se, então, que a “variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas denominadas variantes.” (MOLLICA, 2017, p. 10).

Segundo Mollica, quando se fala em variantes, entende-se as diferentes formas alternativas que caracterizam um fenômeno variável. A relação de concordância entre o verbo e o sujeito pode ser utilizado como exemplo do que é uma variável linguística, “pois se realiza através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes: a marca de concordância no verbo ou a ausência da marca de concordância.” (MOLLICA, 2017, p. 11). Dessa forma, “variações linguísticas, portanto, são fenômenos universais que permitem que o enunciador mobilize formas linguísticas diferenciadas, para transmitir um mesmo conteúdo, em um mesmo contexto, com um valor correspondente.” (VANZ, 2014, p. 17).

Quando se realizam as análises das variações linguísticas presentes, essas podem ser divididas em variáveis externas e internas. As internas situam-se, segundo Mollica (2017), nos fatores de natureza de cunho fono-morfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e ainda os lexicais. Levam em conta as características da língua em suas diversas dimensões, assim como os diversos subsistemas presentes.

Quanto ao nível das variáveis externas,

Reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva). Os do primeiro tipo referem-se a traços próprios aos falantes, enquanto os demais a características circunstanciais que ora envolvem falante, ora o evento da fala. (MOLLICA, 2017, p.11).

Ainda, quando se fala em análise das variações linguísticas presentes em uma comunidade de fala, é necessário ter em mente que, como dito anteriormente, a língua é heterogênea e, em relação à variação lexical, não se caracteriza apenas quando “um mesmo elemento do mundo” (BELINE, 2015, p. 122) pode ser representado por diferentes termos linguísticos. As variações podem ocorrer, também, dentro do grupo das variáveis diatópicas e diastráticas.

As variações diatópicas são aquelas que são delimitadas geograficamente ou regionalmente. Alkmin e Camacho trazem o seguinte exemplo:

Entre falantes brasileiros originários das regiões nordeste (incluída a Bahia) e sudeste, percebemos diferenças fonéticas, como, por exemplo, a pronúncia de vogais médias

pretônicas – como ocorre na palavra “melado” – pronunciadas como vogais abertas no nordeste [mɛ'ladu] e fechadas no sudeste [me'ladu]. (2001, p. 35)

Ainda, como exemplo, a pronúncia final de algumas palavras ditas em diferentes partes do Rio Grande do Sul pode ser utilizada para demonstrar a ocorrência das variações diatópicas. A palavra leite, na serra gaúcha, colonizada em sua grande maioria por descendentes italianos, será pronunciada em maior número na forma [le'ite]. Por outro lado, a mesma palavra, dessa vez pronunciada na capital gaúcha, será dita por um número maior de pessoas dessa forma: [le'i tʃi].

Ambas as descrições utilizadas como exemplificações de variações diatópicas foram feitas de modo fonético. “É contudo, necessário que fique claro que, quando falamos de variação fonética, é sempre provável que existam outras variantes, além daquelas mais obviamente perceptíveis e marcadas no lugar em que são usadas” (BELINE, 2015, p. 123).

Outro tipo de variação linguística é a variação diastrática. Esta, por sua vez, é de cunho social, ou seja,

relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Neste sentido, podemos apontar os seguintes fatores relacionados às variações de natureza social: a) classe social; b) idade; c) sexo; d) situação ou contexto social. (ALKMIN; CAMACHO, 2001, p. 35).

Cabe ainda ressaltar que quando os estudos das variações são feitos, deve-se ter em vista as variações estilísticas. Essas, por sua vez, dizem respeito ao grau de monitoramento do falante no momento de sua fala. Uma pessoa, durante uma específica situação de fala em que julga ser necessário fazer uso de todas as atribuições presentes na denominada norma padrão culta, certamente fará uso de um grau maior de monitoramento durante seu diálogo, visando não fazer uso de certas pronúncias ou de determinados vocábulos presentes em sua fala cotidiana.

Tendo em vista as diferentes situações de uso da fala existentes, cabe questionar se os livros didáticos de língua materna, do sexto ano do ensino fundamental, apresentam as noções acima descritas e em que contexto estão inseridas.

Nesse sentido, de acordo com Alkmin e Camacho (2001), um falante não estará restrito a realizar apenas as variações geográficas, sociais ou de registro, mas poderá, no ato de sua fala, fazer uso de variações que serão classificadas dentro dos diferentes níveis existentes. Um falante do sexo masculino, por exemplo, pode, durante seu ato enunciativo, utilizar de variantes típicas entre os homens da localidade em que habita, dentro de uma situação informal de comunicação.

Para ilustrar o que foi dito anteriormente, o autor diz que

um professor universitário, por exemplo, pode pôr-se às voltas com pelo menos três diferentes situações linguísticas: no restaurante universitário conversando sobre banalidades com seus alunos; na sala de aula, exercendo sua profissão; e no auditório, dando uma palestra. É óbvio que essas diferentes circunstâncias exigem progressivamente maior frequência na escolha de formas cultas de expressão. Assim, na situação de conferencista, não soaria adequado o emprego, por exemplo, de “cê” por “você”, de “tá” por “está”, perfeitamente plausíveis na conversa informal do restaurante universitário. (ALKMIN; CAMACHO, 2001, p. 66).

Cabe assinalar que, de acordo com Mollica (2017), ao nascer um falante, não inserido dentro do ambiente escolar, este é exposto primeiro às variantes que existem na comunidade linguística em que vive e, portanto, ao se comunicar fará uso das variantes que lhe foram apresentadas. Após entrar em contato, normalmente dentro do ambiente escolar, com diferentes enunciações, o falante irá apropriar-se de variantes mais formais, se aproximando das variáveis cultas. A herança dialetológica – dialética em relação à história da língua em que os estudos sociolinguísticos estão direcionados – acabou por discriminar de maneira rígida as variáveis em padrão regional, popular e culto.

O denominado padrão regional corresponde às variantes presentes em apenas uma região linguística. Esta apresentará diferenciação típica dos falantes que nela habitam e as variações poderão estar presentes do nível morfológico ao nível sintático. Muitas das variantes encontradas são predominantes na fala de algumas pessoas, deixando explícita a região onde habitam.

Será que essas variações estão presentes no estudo da Língua Portuguesa? Os livros didáticos usados por turmas de sexto ano do município da região da serra do estado do Rio Grande Sul abordam esse conteúdo? De que forma?

A fala comum entre a maior parte da população de um mesmo local é a nominada de padrão popular. Este compreenderá as variantes encontradas em maior número dentro de um território mais amplo de análise. Comumente os jovens estão entre os que se enquadram em grande parte desse padrão, pois as variantes utilizadas por esse grupo de falantes se fazem presentes em diferentes regiões e localidades. Um dos motivos para esse acontecimento se deve ao fato de os jovens terem um contato maior com as coisas que permeiam todas as culturas, devido tanto aos avanços tecnológicos quanto aos meios de comunicação. Uma gíria, por exemplo, pode ser iniciada em um momento de conversa entre grupos de destaque e rapidamente se espalhar entre todos os jovens.

Esse fator contribui consideravelmente para que a língua permaneça em constante mudança. O que está sendo falado atualmente poderá, no futuro, não estar mais entre as palavras ditas com frequência em conversas. Um exemplo é a palavra *você*, utilizada para se dirigir ao interlocutor. Em princípio, sabe-se que se utilizava a construção “*vossa mercê*”, que posteriormente passou a ser “*vosmecê*”, até o “*você*”, utilizado hoje pela maior parte dos falantes.

Contudo, o padrão culto é considerado a variante de prestígio para um maior grupo de falantes. Essa variante, por sua vez, permeia os livros didáticos presentes nas salas de aula e é, muitas vezes, estabelecida como a única legítima e passível de ser ensinada na escola, uma vez que é tida como “*certa*”. O reconhecimento de uma única variedade como legítima acaba não considerando que os alunos trazem consigo as variantes de sua língua, o que pode causar um grande conflito linguístico a eles. Dessa maneira,

O ensino de língua na escola pratica tradicionalmente o modelo da deficiência. O principal pressuposto da tradição normativa é que cabe à escola o papel de compensar supostas carências socioculturais. Decorre desse pressuposto que a principal tarefa do ensino é substituir formas das variedades populares por formas da norma padrão. (ALKMIN; CAMACHO, 2001, p. 78).

Sabendo que os alunos, ao ingressarem no ambiente escolar, trazem como característica própria da fala as variantes linguísticas existentes em sua comunidade, faz-se necessário analisar se o livro didático de Língua Portuguesa apresenta o conceito de variação linguística aos alunos, bem como se o conteúdo se encontra adequado, segundo o que defendem os estudiosos acerca do assunto.

A omissão do ensino das variantes linguísticas em sala de aula, quando é dito ao aluno que apenas o padrão culto da língua é o correto e que as demais variações estão incorretas, pode acarretar na perda da identidade linguística para um falante. Para evitar esse problema, o professor de língua materna deve expor aos alunos as diferenças nos valores sociais que ambas apresentam, para que entendam os valores que cada uso linguístico poderá representar.

Em síntese, a língua é heterogênea e apresenta variações que caracterizam um grupo linguístico. Existem diferentes níveis de estudo de tais variações, percorrendo desde o nível morfológico ao de análise, relativos aos grupos em que as variações ocorrem, possibilitando a compreensão por parte da sociedade sobre o fato de que as variações fazem parte da língua e não estão incorretas. Tal conhecimento é importante em especial aos professores de língua materna, para que possam compreender o que é a Sociolinguística e, por sua vez, a variação

linguística. Assim, tornar-se-iam capazes de explicar aos seus alunos que estes não estão falando incorretamente ao utilizar as variantes linguísticas que existem em sua comunidade.

A fim de dar seguimento ao estudo, o próximo capítulo tratará sobre o motivo pelo qual se deve estudar variação linguística.

### 3 POR QUE É IMPORTANTE ESTUDAR VARIAÇÃO LINGUÍSTICA?

Como mencionado no capítulo anterior, é de suma importância que o professor de língua materna aborde, em sala de aula, a variação linguística presente na sociedade. Por isso, este capítulo terá como enfoque principal refletir sobre a importância desse conteúdo nas aulas de Língua Portuguesa.

Antes disso, porém, é necessário compreender o que é a norma culta ou norma padrão e o valor que ela possui no ensino da Língua Portuguesa. Segundo o que consta na *Moderna Gramática Portuguesa*,

A norma contém tudo o que na língua não é funcional, mas que é tradicional, comum e constante, ou, em outras palavras, tudo o que se diz “assim, e não de outra maneira”. É o plano de estruturação do saber idiomático que está mais próximo das realizações concretas. O sistema e a norma de uma língua funcional refletem a sua estrutura. (BECHARA, 2015, p. 44)

A questão referente à normatividade, de acordo com Cyranka e Faraco (2015), teve início no Brasil em meados do século XIX, quando os autores românticos daquela época adotavam um projeto que desse um formato às realidades socioculturais existentes. Em outras palavras, os autores lutavam por uma emancipação literária e cultural, assim como havia ocorrido na política. Esse projeto visava transpassar para a escrita a língua que era falada pelos brasileiros letrados daquele tempo. Contudo, logo no início, o projeto sofreu fortes críticas de intelectuais portugueses, sendo que muitos deles habitavam o Brasil e recebiam incentivos financeiros do Imperador Pedro II. Estes afirmavam que os escritores brasileiros escreviam incorretamente, não sabiam sobre a língua e realizavam erros gramaticais. Em razão dessas afirmações, propagou-se “o discurso de que nosso português é cheio de erros, de que não sabemos português, de que escrevemos mal a língua.” (CYRANKA; FARACO, 2015, p. 22).

Além disso, segundo Cyranka e Faraco (2015), durante a Semana de Arte Moderna de 1922 surgiu o movimento modernista, que retomava os ideais do projeto idealizado no século XIX, visando à utilização da língua culta brasileira para a construção da literatura do país. A autonomia dos autores, assim como a melhoria das gramáticas e dicionários, foram alguns dos respaldos do movimento modernista.

Porém, o autor traça uma diferenciação entre o que ele denomina de “nossos bons dicionários e nossas boas gramáticas – ou seja, aqueles instrumentos normativos construídos com respaldo filológico e linguístico” (CYRANKA; FARACO, 2015, p. 24) e a norma culta,

“que tem predominado e que tem servido de referência no nosso sistema escolar.” (CYRANKA; FARACO, 2015, p. 24).

A norma culta agrega a si uma carga sociocultural, isto é,

a aceitação ou não de certas formas linguísticas por parte da comunidade falante está relacionada com o significado social que lhe é imposto pelo grupo que as usam, ou seja, estão relacionadas com o conjunto de valores que simbolizam e que seu uso comunica. (COSTA, 1996, p. 2).

Segundo Gnerre (1998), a norma padrão é um sistema que se encontra tangível para apenas uma pequena parcela da população, pois está fortemente ligada ao valor que adiciona aos falantes. Está condicionada como algo de diferenciação entre os níveis socioculturais e socioeconômicos entre as pessoas.

Dessa maneira, cabe indagar qual é o conceito de norma culta apresentada no livro didático de Língua Portuguesa do sexto ano: será que apenas a norma padrão é apresentada como certa ou se estabelece a existência de variantes linguísticas como presentes e corretas na língua?

Nesse sentido, segundo os *Parâmetros Nacionais Curriculares* (1998), faz-se necessária a discussão sobre uma nova abordagem de ensino, em especial nas aulas de língua materna, referente ao questionamento do uso da norma culta como única variante correta, assim como uma reorganização dos conteúdos a serem ministrados no ensino fundamental.

Desde os anos setenta, o ensino de língua materna vem sendo o centro de discussões. O eixo principal do debate sobre o ensino fundamental foca-se “no domínio da leitura e da escrita pelos alunos, responsável pelo fracasso escolar” (BRASIL, 1998, p. 17), em especial nas séries iniciais, antes denominadas primeira a quinta série. Na primeira série, em razão da dificuldade de alfabetizar as crianças, e já na quinta série “por não se conseguir levar os alunos ao uso apropriado de padrões da linguagem escrita, condição primordial para que continuem a progredir.” (BRASIL, 1998, p. 17).

Os primeiros questionamentos quanto ao ensino da Língua Portuguesa apontavam para mudanças apenas na maneira de ensinar, não levando em consideração os conteúdos. Desse modo,

O ensino de Língua Portuguesa orientado pela perspectiva gramatical ainda parecia adequado, dado que os alunos que frequentavam a escola falavam uma variedade linguística bastante próxima da chamada variedade padrão e traziam representações de mundo e de língua semelhantes às que ofereciam livros e textos didáticos. (BRASIL, 1998, p. 17).

O ensino de língua que estava sendo aplicado era norteado pelos alunos que frequentavam as escolas até então, filhos de pais letrados e com maior poder socioeconômico. Contudo, a realidade escolar estava em mudança, crianças de diferentes classes sociais estavam ingressando nas escolas e, por sua vez, traziam uma herança cultural.

Entretanto, uma nova crítica, desta vez mais rígida, aos padrões de ensino de língua materna somente se estabeleceria no início dos anos oitenta,

quando as pesquisas produzidas por uma linguística independente da tradição normativa e filológica e os estudos desenvolvidos em variação linguística e psicolinguística, entre outras, possibilitaram avanços nas áreas de educação e psicologia da aprendizagem, principalmente no que se refere à aquisição da escrita. (BRASIL, 1998, p.17)

Foram esses avanços que possibilitaram novas reflexões sobre qual a real finalidade e os conteúdos que devem ser ensinados nas aulas de Língua Portuguesa.

Cabe aqui uma reflexão acerca do que foi apresentado: será que os livros didáticos de Língua Portuguesa do sexto ano do ensino fundamental trazem essa nova visão sobre o ensino de língua materna ou continuam apenas focando no ensino da norma padrão?

De acordo com o *Referencial Curricular do Rio Grande do Sul* (2009), que traça as diretrizes de ensino para os professores gaúchos, a norma culta é apenas uma dentre as inúmeras variedades existentes na Língua Portuguesa. Deve-se reconhecer seu valor e funções perante a sociedade, do mesmo modo que se deve proceder com as variantes linguísticas.

De acordo com *Parâmetros Nacionais Curriculares* (1998), a variação linguística é componente de todas as línguas humanas e ocorre em todos seus níveis. As variantes existem ainda que sofram ações normativas.

Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. (BRASIL, 1998, p. 29)

Os *Parâmetros Nacionais Curriculares* (PCNs) afirmam ainda, que “não se sustenta na análise empírica dos usos da língua” (BRASIL, 1998, p. 29) um único e correto modo de fala e escrita, assim como preveem os livros didáticos, pois o uso de variantes linguísticas dependerá

do contexto em que o falante estará inserido, bem como fatores ligados à geografia, situação socioeconômica, sexo, gênero, faixa etária, além da relação entre os falantes.

Entretanto, sabe-se que, na sociedade real, “algumas variedades são estigmatizadas ou ridicularizadas não porque são feias, incorretas ou ruins em si, mas porque a sociedade, preconceituosamente, associa seu uso a situações e/ou grupos sociais com valores negativos.” (COSTA, 1996, p. 2). Dessa forma, “a discriminação de algumas variedades linguísticas, tratadas de modo preconceituoso e anticientífico, expressa os próprios conflitos existentes no interior da sociedade.” (BRASIL, 1998, p. 82).

Assim, convém lembrar que na atual sociedade existe um preconceito – que se faz presente desde o princípio do letramento no país - contra as variantes linguísticas presentes. Segundo Cyranka e Faraco, o que tem preponderado e sido utilizado com referência no ensino de língua materna é o que o autor denomina de “norma curta” (2015, p. 24). É “curta” porque tem seu uso restrito e “reforçado por boa parte dos consultórios gramaticais da mídia, pela ação de revisores das editoras, por manuais de redação dos grandes jornais, por cursinhos pré-vestibulares e pré-ENEM e por elaboradores de questões de concursos públicos.” (CYRANKA; FARACO, 2015, p. 24).

Em outras palavras, o que está sendo utilizado como base de ensino do que é a norma culta é algo extremamente restrito a um padrão ditado por parâmetros utilizados apenas em situações restritas de uso, não levando em conta as situações de cotidiano enfrentadas pela maior parte da população diariamente e as variações linguísticas que trazem consigo como herança cultural.

Cabe aqui questionar se os livros didáticos utilizados pelo sexto ano do ensino fundamental ainda apresentam esse conceito restrito ao que se refere à norma culta, ou se o conteúdo da variação linguística já faz parte do ensino de língua materna presente no material em análise.

Ressalta-se a noção presente nos PCNs quanto à variação linguística, pois, como falado anteriormente, a Língua Portuguesa é composta por diversas variantes. O aluno de língua materna já inicia seus estudos sabendo ao menos uma das variedades existentes em sua comunidade de fala. Contudo, o aluno é capaz de compreender que existem outras variantes em seu meio e que certos usos de modos de fala, assim como expressões, devem ser utilizados somente em alguns contextos. Esse estudante sabe também, “por exemplo, que existem formas mais ou menos delicadas de se dirigir a alguém, falas mais cuidadas e refletidas, falas cerimoniais” (BRASIL, 1998, p. 82). Ainda, algumas variações da língua podem sofrer

preconceito em razão de ser inferiorizadas em detrimento de outras, do mesmo modo que esse aluno já pode ter sofrido algum tipo de preconceito em razão de sua fala.

Por essa razão, os PCNs ressaltam a importância do ensino da variação linguística às crianças:

Frente aos fenômenos da variação, não basta somente uma mudança de atitudes; a escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação linguística. Desse modo, não pode tratar as variedades linguísticas que mais se afastam dos padrões estabelecidos pela gramática tradicional e das formas diferentes daquelas que se fixaram na escrita como se fossem desvios ou incorreções. (BRASIL, 1998, p. 82).

Contudo, o que se encontra na maior parte das escolas é o oposto do que orientam as diretrizes estaduais e nacionais. Muitas aulas de Língua Portuguesa prescrevem apenas o que está “certo” ou “errado” na fala e na escrita das crianças, ignorando, de certo modo, as características linguísticas que os alunos têm internalizadas. Costa (1996) resalta que muitos dos problemas atribuídos às crianças em fase de letramento quanto à escrita e à fala se devem à desconsideração das variações linguísticas que o aluno apresenta. Assim,

O professor alfabetizador, geralmente imbuído dos conceitos da gramática tradicional, atribui valores de certo e errado aos textos de seus alunos, desconsiderando que as crianças, nesta fase, além de não possuir o domínio do sistema gráfico e das complexidades que lhe são características, tendem a escrever conforme o seu dialeto regional e/ou social. (COSTA, 1996, p.3).

De acordo com Costa (1996), a melhor maneira de compreender a primeira escrita dos alunos ao iniciarem seus estudos, e o motivo de cometerem o que alguns manuais denominam de erros gramaticais é, dentre outras maneiras, valorizar a oralidade do aluno – valorizar as variantes linguísticas que traz internalizadas como características próprias – e, desse modo, compreender que em muitas ocasiões de escrita o aluno transcreve marcas das variedades que faz uso em seu cotidiano<sup>2</sup>.

Dizer a um aluno que este escreve ou fala incorretamente pode acarretar na perda de sua identidade linguística, pois, ao tentar se enquadrar nos parâmetros que lhe são apresentados como corretos, a criança tende a evitar a utilização da variante linguística que portava como característica própria. Por esse motivo, algumas variações linguísticas têm findado. Os falantes,

---

<sup>2</sup> Ainda que o alerta de Costa (1996) esteja direcionado a crianças em fase de alfabetização, entendemos que a valorização das modalidades orais da língua é tarefa do professor de Língua Portuguesa em todos os níveis de ensino.

para se encaixarem na fala padrão, renunciam ao uso de suas variantes culturais, o que após algum tempo causa a extinção da variante linguística, em decorrência do não uso.

Para evitar que casos de preconceito linguístico e de perda da identidade linguística ocorram, “é importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana.” (BRASIL, 1998, p. 82). Em razão disso,

Há que se desenvolver uma nova atitude do professor de português. Ele precisa se lembrar, antes de tudo, de que não vai “ensinar” o que os alunos já sabem, ele não vai ensiná-los a falar português. O que cabe ao professor é, simplesmente, considerando as experiências reais de seus alunos quanto ao uso da língua portuguesa, considerando a variedade linguística que eles utilizam e sua capacidade de nela se expressarem, conduzi-los nas atividades pedagógicas de ampliação de sua competência comunicativa. (CYRANKA; FARACO, 2015, p. 35).

Com o intuito de auxiliar o professor de Língua Portuguesa no ensino, de maneira eficaz, da variação linguística, os PCNs apresentam as seguintes propostas de trabalho:

- \*transcrição de textos orais, gravados em vídeo ou cassete, para permitir identificação dos recursos linguísticos próprios da fala;
- \* edição de textos orais para apresentação, em gênero da modalidade escrita, para permitir que o aluno possa perceber algumas das diferenças entre a fala e a escrita;
- \* análise da força expressiva da linguagem popular na comunicação cotidiana, na mídia e nas artes, analisando depoimentos, filmes, peças de teatro, novelas televisivas, música popular, romances e poemas;
- \* levantamento das marcas de variação linguística ligadas a gênero, gerações, grupos profissionais, classe social e área de conhecimento, por meio da comparação de textos que tratem de um mesmo assunto para públicos com características diferentes;
- \* elaboração de textos procurando incorporar na redação traços da linguagem de grupos específicos;
- \* estudo de textos em função da área de conhecimento, identificando jargões próprios da atividade em análise;
- \* comparação de textos sobre o mesmo tema veiculados em diferentes publicações (por exemplo, uma matéria sobre meio ambiente para uma revista de divulgação científica e outra para o suplemento infantil);
- \* comparação entre textos sobre o mesmo tema, produzidos em épocas diferentes;
- \* comparação de duas traduções de um mesmo texto original, analisando as escolhas estilísticas feitas pelos tradutores;
- \* comparação entre um texto original e uma versão adaptada do mesmo texto, analisando as mudanças produzidas;
- \* comparação de textos de um mesmo autor, produzido em condições diferentes (um artigo para uma revista acadêmica e outro para uma revista de vulgarização científica);
- \* análise de fatos de variação presentes nos textos dos alunos;
- \* análise e discussão de textos de publicidade ou de imprensa que veiculem qualquer tipo de preconceito linguístico;
- \* análise comparativa entre registro da fala ou de escrita e os preceitos normativos estabelecidos pela gramática tradicional. (BRASIL, 1998, p. 82).

Em síntese, com base no anteriormente exposto, busca-se apresentar os conceitos de uma língua heterogênea que apresenta variações linguísticas. Variações que os alunos, ao adentrarem no ambiente escolar, trazem como particularidade e que representam a história cultural de sua comunidade. Sempre é importante lembrar, segundo Marcuschi, que “a função mais importante da língua não é a informacional e sim a de inserir os indivíduos em contextos sociohistóricos e permitir que se entendam.” (2008, p. 67).

Dessa forma, negar dentro de uma sala de aula, em especial nas aulas de língua materna, a existência de variantes linguísticas, é negar a história de comunidades que apresentam variações na fala como característica e herança culturais.

Cabe ao professor de língua materna criar uma pedagogia de ensino que vise objetivar da melhor forma a seus alunos as diferenças existentes entre o denominado padrão culto e as variações linguísticas para que, dessa forma, as crianças possam entender que as variantes linguísticas que possuem são marcas próprias de sua cultura e que não estão erradas.

Para ensinar da melhor maneira possível sobre variação linguística é imprescindível que o professor respeite as presentes na fala dos alunos. Nesse sentido, um importante instrumento para auxiliar o professor no trabalho com esse conteúdo pode ser o livro didático, cuja proposta pedagógica seja coerente com os pressupostos teóricos preconizados nas diretrizes educacionais.

Tendo em vista o uso do livro didático no ensino da variação linguística, o capítulo seguinte deste trabalho trará a análise de um livro didático utilizado pelos alunos do sexto ano do ensino fundamental das escolas municipais de uma cidade localizada na região na serra do Rio Grande do Sul.

#### 4 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

Neste capítulo será realizada a análise do livro didático de Língua Portuguesa, utilizado pelo sexto ano do ensino fundamental, na rede municipal de ensino de um município localizado na serra do estado do Rio Grande do Sul, com aproximadamente dezesseis mil habitantes. O intuito da análise é verificar se existe a abordagem do conteúdo “variação linguística” e a maneira como esta é realizada.

O objeto de análise é o livro direcionado aos alunos do sexto ano do ensino fundamental e intitula-se *6º ano Português Linguagens*, uma produção de William Cereja e Thereza Cochar, ambos licenciados em Língua Portuguesa. Está dividido em quatro unidades intituladas, respectivamente, “No mundo da fantasia”, “Crianças”, “Descobrimo quem sou eu” e “Verde, adoro ver-te”. Cada unidade se divide em três capítulos, sendo que o primeiro e o segundo capítulo de cada uma iniciam com um texto. O terceiro capítulo da primeira e quarta unidades começam com um cartum, já o da segunda e terceira unidades começam com a representação de uma pintura.

Ademais, cada parte trabalha de forma progressiva os conteúdos a serem abordados. Os dois primeiros capítulos de cada unidade apresentam, primeiramente, os estudos do texto que os iniciam para, em seguida, trabalhar com a produção de texto que parte de uma proposta formulada pelos autores do material didático. Na sequência, trabalha-se com a língua em foco, quando o conteúdo gramatical da língua é abordado. O terceiro capítulo das unidades já introduz como atividade inicial a produção de texto, não desenvolvendo o trabalho de análise textual com diferentes gêneros. Posteriormente a essa produção, os aspectos da língua são novamente abordados pelos capítulos na língua em foco. Todos os capítulos se encerram com uma proposta intitulada “Divirta-se”, na qual são apresentadas charges, piadas e imagens, contudo, nenhuma atividade é direcionada aos alunos, o texto é somente utilizado para descontração.

Entretanto, alguns capítulos apresentam seções extras das demais, como a “De olho na escrita”, na qual pequenos aspectos da língua são abordados de forma sucinta, como os fonemas e os encontros consonantais, por exemplo. Para exemplificação do trabalho realizado nessa seção, uma das atividades utilizada, direcionada ao dígrafo e encontro consonantal, tem início a partir de uma entrevista com Carlos Saldanha e uma explicação breve do assunto, e pede para que os alunos contem o número de letras e de fonemas nas palavras.

Há ainda as seções “Para escrever com expressividade”, que trabalha com aspectos dos textos, como a descrição, “Para escrever com adequação”, que exemplifica e demonstra sobre

o uso dos travessões em um texto e “Para escrever com coerência e coesão”, que visa ensinar aos alunos essas noções presentes no texto.

Ainda, ao final da quarta unidade, existe uma sugestão de trabalho denominada “Intervalo”, na qual é apresentada uma proposta interdisciplinar entre as aulas de Língua Portuguesa e Ciências, podendo ser desenvolvida pelos alunos no decorrer do ano letivo. A atividade visa à conscientização e informação sobre a preservação do meio ambiente, bem como os animais presentes, em especial os que estão em extinção, por meio da leitura sobre o tema e a produção de material informativo que possa ser exposto posteriormente para todas as pessoas.

Ao olhar para o sumário do livro, percebe-se que apenas uma das seções é destinada especificamente ao conteúdo “variação linguística”, algo visível nas demais atividades propostas que, em sua maioria, visam o uso da gramática tradicional, corroborando o que Cyranka e Faraco afirmam sobre os atuais livros didáticos de língua materna que destinam, em grande quantidade, sugestões de ensino direcionadas ao ensino gramatical:

Os livros didáticos têm dado um tratamento muito superficial ao tema no mais das vezes limitado à apresentação, algo folclorizada, da variação geográfica ou um tanto quanto estereotipada das falas rurais. Os livros didáticos deixam de fora a variação social que é, de fato, a verdadeira questão a ser enfrentada, já que serve de critério para gestos de discriminação dos falantes e de violência simbólica. (CYRANKA; FARACO, 2015, p. 20)

O conteúdo “variação linguística” é abordado no segundo capítulo da primeira unidade, na seção em que as questões sobre a língua são trabalhadas pelos autores, com o título de “As variedades linguísticas”. O conteúdo é introduzido através de um texto pertencente ao gênero tira. No texto, uma mulher vai até o que se supõe ser o local onde ela teria comprado um papagaio, para reclamar porque a ave está falando errado e percebe, ao chegar, que esta estava apenas imitando a fala de seu antigo dono.

Dessa forma, a reclamação da mulher acaba passando a ideia de que o papagaio fala errado. Tais “erros” presentes “na fala do papagaio” decorrem do uso das palavras “bicicreta”, “cocrete” e “cardeneta” e são, na verdade, uma imitação da fala de seu dono anterior. A seguir, questões sobre a tira são feitas aos alunos, com a finalidade de interpretar o sentido presente no texto, conforme segue:

Leia a tira abaixo, de Fernando Gonsales.



(Folha de S. Paulo, 3/8/2007)

1. O humor da tira é construído a partir das diferenças de uso da língua portuguesa. No 1º quadrinho, o papagaio fala algumas palavras que causam estranhamento à mulher.
  - a) Que palavras causam estranhamento à mulher? *Provavelmente todas as que o papagaio fala: "bicicreta", "cocrete", "cardeneta".*
  - b) Como provavelmente ela diria essas palavras? *bicicleta, croquete, caderneta*
2. Para que o leitor compreenda bem a tira, é necessário que ele tenha conhecimento sobre como os papagaios aprendem a falar. De que forma isso acontece?
 

*O papagaio aprende a falar imitando as pessoas com as quais ele convive.*
3. No 2º quadrinho, a mulher procura o comerciante para devolver o papagaio.
  - a) Qual é a provável relação entre o homem e o papagaio? *Ele deve ser o dono anterior do papagaio.*
  - b) A surpresa e a graça da tira estão na fala do comerciante. O que a fala dele revela?
 

*A fala do comerciante revela que o papagaio aprendeu a falar com ele, pois ele também emprega a língua de uma forma diferente da norma-padrão. Professor: Até que o aluno aprenda o conceito de *norma-padrão*, você poderá explicar que a forma empregada pelo comerciante é diferente da que está registrada no dicionário.*

Figura 1: Tira e exercícios constantes no livro em análise, p. 39.

Cabe destacar que as características da fala do papagaio imitando seu antigo dono são explicadas como metaplasmo, que, por sua vez, são alterações fonéticas ocorridas no ato da fala. No caso da tira em questão, os metaplasmos realizados pelo papagaio são: o lambdacismo, quando ocorre a troca da letra r por l como em “bicicreta”; a metátese, quando é realizada a transposição de um fonema, como em “cardeneta” e “cocrete”.

Após, o livro traz o conceito de “variedades linguísticas”, conceituando que pelo fato de o Brasil ser um país grande e, além disso, bastante desigual, sua língua oficial sofre mudanças, e estas podem ocorrer desde o nível geográfico até o social. Em outras palavras, “variedades linguísticas são as variações que uma língua apresenta em razão das condições sociais, culturais e regionais nas quais é utilizada” (CEREJA; COCHAR, 2015, p. 40).

Um quadro, localizado ao lado da contextualização sobre variação linguística, aborda, de forma sucinta, sobre a quantidade de línguas existentes no mundo, mencionando a quantidade de línguas faladas por continentes e a estimativa de quantas irão desaparecer no decorrer de vários anos. Tal informação é importante, uma vez que trata, ainda que de forma breve, algo mencionado nesse trabalho no primeiro capítulo: a língua, por ser heterogênea,

permanece sempre em constante mudança, ou seja, o que hoje está sendo utilizado poderá não mais fazer parte da fala cotidiana com o passar dos anos.

Dando seguimento à análise, a explicação sobre o que é norma padrão e variedade de prestígio aparecem na sequência do livro:

**Norma-padrão** é uma referência, uma espécie de modelo ou de “lei” que normatiza o uso da língua, falada ou escrita.

**Variedades urbanas de prestígio**, também conhecidas como **norma culta**, são as variedades empregadas pelos falantes urbanos mais escolarizados e de renda mais alta.



Figura 2: conceitos constantes no livro em análise, p. 41.

Através dessa explicação, a norma padrão é apresentada aos alunos como uma variedade da língua que é ensinada na escola. Já as variantes de prestígio, de acordo com o livro didático, são as variedades da Língua Portuguesa que mais se aproximam da norma padrão, por sua vez, essa variante é encontrada nos grandes centros e falada, conforme a descrição do texto, apenas pelos falantes socioeconomicamente favorecidos e escolarizados. Tal definição vai ao encontro do que foi mencionado por Gnerre, quanto à parcela da sociedade que faz uso da norma culta:

A língua padrão é um sistema comunicativo ao alcance de uma parte reduzida dos integrantes de uma comunidade; é um sistema associado a um patrimônio cultural apresentado como um “corpus” definido de valores, fixados na tradição escrita. Uma variedade linguística “vale” o que “valem” na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais. (1998, p. 7)

Em seguida, o livro didático aborda, de forma sucinta, o tópico sobre variações linguísticas e o preconceito social a elas atribuído. Em três parágrafos, é explicado aos alunos que todas as formas linguísticas são válidas, contudo, existem pessoas que inferiorizam determinadas variações por considerarem erradas e estas, geralmente, são atribuídas às pessoas que possuem baixa escolaridade e nível socioeconômico baixo. A tira inicial da seção foi utilizada como exemplo para demonstrar o preconceito existente com as variedades presentes na língua. Na tira, é possível supor que a mulher está devolvendo seu papagaio por achar que ele fala errado e, sabendo que a ave imita as palavras ditas por outras pessoas, talvez não queira passar a impressão de que o papagaio fala daquela maneira por imitá-la.

Cabe destacar que a explicação trazida pelo livro didático sobre variação linguística está coerente com o que foi afirmado por Costa:

A aceitação ou não de certas formas linguísticas por parte da comunidade falante está relacionada com o significado social que lhe é imposto pelo grupo que as usam, ou seja, estão relacionadas com o conjunto de valores que simbolizam e que se uso comunica. (1996, p. 2).

Na sequência da seção sobre variedades linguísticas do livro em análise, outra tira é apresentada aos alunos. Nela, os pais estão esperando seu filho, que aparece trajando roupas rasgadas e com aparência suja. O pai do garoto ressalta que eles estão indo a um casamento e, por isso, deve se vestir de modo adequado à situação. O garoto sai e, ao voltar, aparece com as mesmas roupas, mas, dessa vez, utilizando uma gravata vermelha. Duas perguntas são feitas em relação ao texto, posteriormente, que apenas o conceituam, não sendo trabalhados aspectos linguísticos, conforme segue abaixo:

Leia esta tira, de Adão Iturrusgarai:



(Folha de S. Paulo, 13/8/2005.)

Figura 3: tira constante no livro em análise, p. 41.

**1.** Zezo e seus pais vão a um casamento, e o pai de Zezo reclama da roupa do filho.

a) Como Zezo está vestido no 1º quadrinho? Essa roupa é formal ou informal?

Zezo usa bermuda, camiseta, tênis e boné, que são roupas informais.

b) E os pais, como estão vestidos? Essa roupa é formal ou informal?

O pai de Zezo usa terno e gravata, e a mãe, vestido e sapato de salto alto, que são roupas formais.

Professor. Aproveite para discutir e exemplificar o que é uma situação formal e uma situação informal e apontar as diferenças de vestimentas, linguagem e postura nessas situações.

c) Como o pai de Zezo esperava que o filho se vestisse para ir à festa?

Provavelmente esperava que o filho vestisse uma roupa mais formal, ou seja, ao menos uma calça, uma camisa e um sapato.

**2.** O humor da tira concentra-se no último quadrinho. Zezo atendeu à expectativa dos pais? Por quê?

Não; ele apenas acrescentou uma gravata à roupa que estava usando. A combinação ficou pior, pois a gravata, que é própria de trajes formais, não é compatível com a informalidade das outras peças.

Figura 4: exercícios constantes no livro em análise, p. 42.

Um paralelo entre o uso adequado das palavras e o uso correto das roupas para cada ocasião é traçado, após as questões. O texto explica que, da mesma maneira que existem roupas apropriadas para diferentes ocasiões, existem variedades linguísticas apropriadas para determinadas situações de fala. A norma padrão, por exemplo, deve ser utilizada em um contexto formal de uso, o que não se faz necessário em uma conversa informal entre pessoas do cotidiano do aluno.

Tal explicação vai ao encontro do que foi mencionado por Camacho, quando o autor ressalta que

a variação estilística ou de registro é o resultado da adequação da expressão às finalidades específicas do processo de interação verbal com base no grau de atenção que se presta à forma. O grau de atenção é proporcional ao grau de formalidade da situação: quanto menos coloquiais as circunstâncias, tanto maior a preocupação com a forma de expressão. (2001, p. 66)

Um quadro em destaque traz uma contextualização da Língua Portuguesa falada em outros países e ressalta que, se existem variações de mesma língua no Brasil, devem existir também em outros países que falam uma mesma língua.

Em seguida ao trabalho realizado com a tira, são apresentados, no livro didático, os diferentes tipos de variação linguística presentes, conteúdo abordado no primeiro capítulo deste trabalho monográfico.

A primeira a ser apresentada é a variação geográfica. O texto explica que em uma mesma língua existem variações distintas presentes em diferentes localidades, desde regiões, estados e até outros países que possuem a mesma língua, nesse caso países que têm a Língua Portuguesa como oficial. A seguir, apresenta-se uma tira do Chico Bento na qual, no primeiro quadrinho, a personagem está admirando um pássaro e dizendo que queria ser como ele. O segundo quadrinho mostra Chico Bento atingido por uma pedra, atirada por seu amigo que estava tentando acertar a ave. Então, no terceiro e último quadrinho o amigo que atingiu Chico Bento pede desculpas a ele. Tal tirinha é utilizada como forma de demonstração das variações de lugar ou região, como denominada pelo livro. A comparação no modo de falar, em especial no pedido de desculpas feito pelo amigo de Chico Bento após atingi-lo com uma pedra, é caracterizada como fala típica de caipiras pela comum troca da letra l por r.

Notamos que a explicação dada pelo material didático está de acordo com o que foi mencionado por Alkmin e Camacho, quando os autores dizem que “a variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas.” (2001, p. 34).

O segundo tipo de variação apresentado pelo livro didático é a social e a da escolaridade. Para essa explicação, a primeira tira utilizada na seção é retomada, apenas com o número da página onde está localizada, para caracterizar a fala que contém troca de letras, nesse caso o acréscimo da letra r, como realizada por falantes de baixa escolaridade. Em outras palavras, “comum entre pessoas que frequentaram pouco ou não frequentaram a escola.” (CEREJA; COCHAR, 2015, p. 43).

As diferenças históricas são abordadas em seguida como terceiro tipo de variação. Para a explicação, são utilizados versos de uma antiga cantiga, na qual estão presentes palavras em desuso. O livro, de forma breve, diz que “com o passar do tempo, uma língua sofre variações.” (CEREJA; COCHAR, 2015, p. 43). Entretanto, a explicação apresentada pelos autores é superficial se comparado com o conceito apresentado por Alkmin em que

a variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Nesse sentido, podemos apontar os seguintes fatores relacionados as variações de natureza social: a) classe social; b) idade; c) sexo; d) situação ou contexto social. (2001, p. 35).

Além disso, um novo quadro em destaque apresenta palavras que são utilizadas na Ilha da Madeira, que possui como língua oficial o português madeirense, visto que foi colonizada por portugueses, assim como o Brasil, e que para algumas pessoas assemelha-se a palavras faladas em Portugal. Contudo, elas não possuem os mesmos significados, e alguns exemplos de palavras são apresentados no texto.

A oralidade e a escrita são trabalhadas na sequência da seção. No texto, o livro contextualiza que a maioria dos indivíduos não falam do mesmo modo que escrevem. No entanto, essa realidade demonstra estar em mudança, em decorrência de as pessoas estarem lendo mais e, por essa razão, “quanto mais uma pessoa lê, mais ela tende a empregar formas da língua escrita quando está falando em situações formais.” (CEREJA; COCHAR, 2015, p. 43).

Percebe-se, através dessa afirmação, que há certo equívoco teórico, pois segundo Gnerre,

Associar a uma variedade linguística a comunicação escrita implica iniciar um processo de reflexão sobre tal variedade e um processo de “elaboração” da mesma. Escrever nunca foi e nunca vai ser a mesma coisa que falar: é uma operação que influi necessariamente nas formas escolhidas e nos conteúdos referenciais. (1998, p. 8)

A formalidade e a informalidade são abordadas no tipo de variação que corresponde ao grau de monitoramento. No texto, a explicação se dá em torno de como o falante se comunica

em diferentes contextos de fala. Isto é, em situações de fala mais formal, quando se faz uso da língua mais aproximada da norma padrão, o grau de monitoramento é maior, ao contrário de uma conversa informal entre amigos, na qual se faz uso de gírias e expressões típicas, constituindo um grau de monitoramento da fala menor. Dessa forma, para exemplificar um grau de monitoramento mais baixo, o livro traz o exemplo de um e-mail trocado entre amigos, no qual estão presentes gírias, bem como uma linguagem utilizada em textos escritos na internet.

Novamente aqui se percebe um aspecto importante relacionado à abordagem teórica, pois a variação linguística, embora esteja presente em textos escritos, ocorre com frequência muito maior em situações da fala. Assim, percebe-se que o livro didático em análise não realiza um trabalho voltado à oralidade do aluno, não levando em consideração que a presença das variações linguísticas de uma língua se encontra, em sua maioria, no ato da fala.

A explicação da variação de registro ou estilística apresentada pelo livro didático segue o conceito apresentado por Alkmin e Camacho,

A variação estilística ou de registro é o resultado da adequação da expressão às finalidades específicas do processo de interação verbal com base no grau de atenção que se presta à forma. O grau de atenção é proporcional ao grau de formalidade da situação: quanto menos coloquiais as circunstâncias, tanto maior a preocupação com a forma de expressão. Se a competência do falante inclui duas formas de expressão, como “Por favor, poderia me passar o açúcar”, em contraste com “Ô meu chapa, vai ficar alugando o açucareiro até quando? ”, é óbvio que o primeiro enunciado seja selecionado num jantar com participantes estranhos ao círculo íntimo do falante, enquanto o segundo seja selecionado numa situação em que estejam presentes interlocutores do círculo íntimo do falante. (2001, p. 66).

A gíria é o último tipo de variação linguística apresentada pelo livro. No texto, é explicado aos alunos que se tratam de variedades linguísticas criadas e utilizadas por um específico grupo social, entretanto, as gírias podem extinguir-se rapidamente do mesmo modo que podem ser utilizadas por demais falantes de uma comunidade, deixando de ser restritas a um determinado grupo. Um quadro ao lado do texto apresenta algumas gírias utilizadas no passado (Anexo 06).

Ademais, um novo quadro em destaque é apresentado posteriormente. Este explica que, dependendo da forma que as pessoas falam, estarão se enquadrando em um grupo, ou “tribos”, como apresentado pelo texto. O livro defende que a maneira como as pessoas se comunicam pode inseri-las ou afastá-las de determinados grupos, pois a língua caracteriza um falante. Desse modo,

A linguagem revela mais do que pensamentos e sentimentos. Revela também quem somos socialmente, isto é, nossa posição social, nosso grau de escolaridade, nossa

timidez ou agressividade, nosso gosto cultural, o grupo ou a tribo de que fazemos parte – enfim, pela linguagem mostramos nossa forma de ser e de ver o mundo. Por isso, a língua que falamos pode tanto nos abrir quanto nos fechar portas socialmente. (CEREJA; COCHAR, 2015, p. 45).

Subsequente aos tipos de variação linguística apresentadas pelo livro didático utilizado pelo sexto ano do ensino fundamental, na rede municipal de ensino de um município localizado na serra do estado do Rio Grande do Sul, iniciam-se os exercícios de trabalho com a língua.

As duas primeiras atividades propostas são relacionadas com uma tira em que pessoas falam sobre o uso excessivo da palavra “tipo” e de gerundismo nas falas cotidianas. Ambas perguntas estão ligadas à palavra “tipo” na primeira, e gerundismo, na segunda, abordando apenas aspectos gramaticais do texto, como adequar à forma correta de escrita sem a utilização de gerúndios nas palavras, por exemplo.

Cabe observar que o emprego do gerundismo na fala não é uma característica comum à maioria dos falantes brasileiros, o que causa certa estranheza em relação à escolha desse exemplo para tratar de variação estilística.

Na sequência são propostas atividades. As questões de número três a cinco são sobre um anúncio publicitário em que consta a imagem de um semáforo, na qual há a palavra “farol” no lado esquerdo e “sinal” no direito, ambas as formas utilizadas por falantes do português brasileiro. As perguntas propostas têm objetivo de levar os alunos a debaterem sobre o anúncio, como por exemplo: “ Quem é o anunciante? Quem são os destinatários? Qual é a finalidade do anúncio?” (CEREJA; COCHAR, 2015, p. 46). Ainda cabe mencionar que a última atividade proposta é de cunho pessoal, não abordando o tema da seção – variação linguística (Anexo 08).

Outro quadro em destaque possui alguns exemplos de palavras e expressões utilizadas na região nordeste do país, contudo, nenhuma atividade é realizada. Em seguida, uma anedota é proposta aos alunos para iniciar os exercícios, relacionando as variações linguísticas na construção de textos. Entretanto, as perguntas apenas utilizam de aspectos da anedota para que os alunos diferenciem as variantes do padrão-culto, pedindo em determinado momento para que os estudantes suponham que alguém lhes pedisse para realizarem as correções das frases para a norma padrão. As demais questões abrangem, em maior número, perguntas relacionadas à interpretação do texto lido.

A semântica e o discurso são os seguintes temas abordados pelo capítulo, que traz um texto jornalístico publicado em Portugal para nortear as atividades. Estas, por sua vez, pedem aos alunos do sexto ano que identifiquem o idioma em que a reportagem está escrita, as palavras que não compreendem e, inclusive, que peçam a seus familiares gírias utilizadas por eles

quando jovens. A última atividade pede que a criança relacione as palavras que possuem o mesmo significado no português do Brasil e de Portugal. Novamente nenhuma atividade direcionada à variação linguística é realizada.

Em seguida, um novo quadro em destaque apresenta nomes de alguns filmes conhecidos entre as crianças, na versão do Brasil e de Portugal. O capítulo se encerra com a seção “Divirta-se”, que apresenta uma anedota. Nenhum tópico linguístico é trabalhado.

Em síntese, o livro didático utilizado pelo sexto ano do ensino fundamental, na rede municipal de ensino de um município localizado na serra do estado do Rio Grande do Sul, aborda o conteúdo “variação linguística”, mas de forma superficial. Apenas os principais aspectos relacionados às diferenciações de análise das variações são apresentados aos alunos, sendo que a maior parte das atividades não aprofunda o assunto e chega até mesmo a fazer uma abordagem incoerente com os pressupostos teóricos acerca do tema. É o caso do exercício que faz uso do anúncio com o semáforo, descrito acima, no qual as palavras são utilizadas com maior frequência nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, não abrangendo todas as regiões em que o livro possa ser utilizado. Além disso, as questões direcionadas aos alunos não trabalham com a variação linguística, apenas com contextualização textual e aspectos gramaticais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término do presente trabalho, foi possível aprofundar o conceito de variação linguística, bem como compreender melhor o motivo pelo qual esse conteúdo deve ser ensinado nas salas de aula, em especial nas aulas de Língua Portuguesa. Entende-se que os discursos que propagam o preconceito linguístico terão fim somente à medida em que as pessoas compreenderem que, na língua, não existe modo “correto” ou “errado” de falar, mas sim variações, e que estas caracterizam uma comunidade linguística, pois trazem marcas culturais.

Por essa razão, defende-se a necessidade de o livro didático aprofundar esse conceito, pois é através dele que tanto professor quanto aluno baseiam seus estudos ao longo do ano letivo. Entretanto, ao realizar a análise do livro didático de língua materna utilizado pelo sexto ano do ensino fundamental, na rede municipal de ensino de uma escola localizada na região da serra do estado do Rio Grande do Sul, foi possível perceber que o conteúdo “variação linguística” é abordado, mas de forma bastante sucinta e predominantemente de forma teórica.

O livro didático é bem estruturado, conta com algumas variedades textuais, busca realizar a prática da produção textual, apresenta propostas de atividades criativas e que demonstram ser interessantes. Contudo, em um livro que conta com mais de trezentas páginas, identifica-se que apenas dez são destinadas ao assunto “variação linguística”. Além disso, as explicações relativas a essa temática são feitas de forma superficial, apontando aspectos específicos e não os relacionando com acontecimentos do cotidiano dos alunos. Assim, predomina o ensino da gramática no livro em questão, assim como na maioria dos materiais didáticos existentes.

Esse estudo mostrou que cabe ao professor de língua materna saber que apenas o uso do livro didático nas aulas não é suficiente para que o aluno compreenda a relevância do conteúdo “variação linguística”. Dessa maneira, o professor deve integrar ao ensino práticas que abordem cenas reais, em que a variação linguística esteja presente na realidade do aluno.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, Tânia. Sociolinguística. In.: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (Orgs.). *Introdução à Linguística*. Volume 1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 38 ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1998.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. In.: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (Orgs.). *Introdução à Linguística*. Volume 1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 51-83.

CEREJA, W. R.; COCHAR, T. *Português: linguagens*, 6. 9. Ed. Reform. São Paulo: Saraiva, 2015.

COSTA, V. L. A. A importância do conhecimento da variação linguística. *Educ. rev.*, Curitiba, n. 12, Jan/Dez 1996. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40601996000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601996000100005)>. Acesso em: 13 nov. 2017.

CYRANKA, Lucia. F. M. A pedagogia da variação linguística é possível?. In: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (Orgs.) *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 31-52.

FARACO, Carlos. A. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (Orgs.) *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 19-30.

FIORIN, J. L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. (Orgs.). *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 07-11.

GNERRE, M. Linguagem, poder e discriminação. In: \_\_\_\_\_. *Linguagem, Escrita e Poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 5-11.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDES, R. B. Língua e variação. In: FIORIN, J. L. *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2015. p.111-135.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: \_\_\_\_\_. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 9-14.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. Referencial Curricular. Lições do Rio Grande. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Língua Portuguesa e Literatura, Língua Estrangeira Moderna. Volume I. Porto Alegre: SE/SDP, 2009.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

VANZ, F. A. *Varição Linguística: uma perspectiva da sociolinguística educacional*. 2014. Monografia (Licenciatura em Letras Português - Inglês e Respectivas Literaturas) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2014.

## ANEXOS

## ANEXO 01

2. Você já imaginou como seria a história *A Bela Adormecida* se a moça sofresse de insônia? Ou se em *Chapeuzinho Vermelho* o lobo fosse vegetariano? Ou se em *Branca de Neve* a moça odiasse maçãs? A exemplo do conto "O patinho bonito", escolha um conto maravilhoso e recrie-o, fazendo as alterações que quiser. Você poderá, por exemplo, inverter as características de uma personagem ou adaptar a história aos dias de hoje.

## Planejamento do texto

Ao redigir seus contos, leve em conta as orientações dadas no capítulo 1, na página 21, adaptando-as à proposta que você irá desenvolver.

## Revisão e reescrita

Faça um rascunho e só passe seu conto a limpo depois de realizar uma revisão cuidadosa, seguindo as orientações dadas no capítulo 1, na página 21, adaptando-as à proposta que você desenvolveu.

## A língua em foco

## AS VARIEDADES LINGUÍSTICAS

## CONSTRUINDO O CONCEITO

Leia a tira abaixo, de Fernando Gonsales.



(Folha de S. Paulo, 3/8/2007.)

- O humor da tira é construído a partir das diferenças de uso da língua portuguesa. No 1º quadrinho, o papagaio fala algumas palavras que causam estranhamento à mulher.
  - Que palavras causam estranhamento à mulher? Provavelmente todas as que o papagaio fala: "bicicleta", "cocrete", "cardeneta".
  - Como provavelmente ela diria essas palavras? bicicleta, croquete, caderneta
- Para que o leitor compreenda bem a tira, é necessário que ele tenha conhecimento sobre como os papagaios aprendem a falar. De que forma isso acontece?
 

O papagaio aprende a falar imitando as pessoas com as quais ele convive.
- No 2º quadrinho, a mulher procura o comerciante para devolver o papagaio.
  - Qual é a provável relação entre o homem e o papagaio? Ele deve ser o dono anterior do papagaio.
  - A surpresa e a graça da tira estão na fala do comerciante. O que a fala dele revela?
 

A fala do comerciante revela que o papagaio aprendeu a falar com ele, pois ele também emprega a língua de uma forma diferente da norma-padrão. Professor: Até que o aluno aprenda o conceito de *norma-padrão*, você poderá explicar que a forma empregada pelo comerciante é diferente da que está registrada no dicionário.

## ANEXO 02

4. Os modos de uso da língua frequentemente geram preconceitos, isto é, podem levar as pessoas a ser julgadas positiva ou negativamente. Considerando a situação em que o papagaio aprendeu a falar, responda: Que outra razão pode ter levado a mulher a querer devolver o papagaio? Ela pode estar querendo evitar que pensem que em sua casa se fala como o papagaio.

## CONCEITUANDO

O cartunista Fernando Gonsales, para criar humor, explorou em sua tira a diversidade linguística que existe no Brasil. Como nosso país é muito grande e desigual, com Estados grandes e pequenos, ricos e pobres, com gente vivendo no litoral, na floresta, nas grandes cidades, em povoados ou na roça, é natural que a língua portuguesa sofra variações, que constituem as **variedades linguísticas**.

Além das variações resultantes de localização geográfica, uma língua também pode apresentar variações decorrentes de outros fatores, como idade, profissão e grau de escolaridade. Por exemplo, uma pessoa mais velha do que nós ou que exerce uma determinada profissão pode usar a língua de uma forma diferente da nossa.

**Variedades linguísticas** são as variações que uma língua apresenta em razão das condições sociais, culturais e regionais nas quais é utilizada.

## Norma-padrão e variedades de prestígio

A língua está sempre em mudança, em renovação. Palavras novas surgem a todo instante e formas antes valorizadas caem em desuso com o tempo. Com a Internet, até mesmo a forma de escrever as palavras tem se modificado.

Justamente para evitar que cada um use a língua à sua maneira, em todo o mundo existem especialistas que registram, estudam e sistematizam o que é a língua de um povo em certo momento, o que dá origem à **norma-padrão**, uma espécie de "lei" que orienta o uso social da língua. Essa norma-padrão é a que está registrada nos dicionários e nos livros de gramática.

É claro que a norma-padrão não existe como uma língua de fato, pois ninguém fala português em norma-padrão em todos os momentos da vida. Ela é um modelo, uma referência que orienta os usuários da língua a, sempre que precisam, usar o português de modo mais formal.

Há momentos descontraídos, em que ela não é necessária, mas há momentos em que ela é obrigatória, como quando fazemos uma entrevista para conseguir um emprego, quando apresentamos um trabalho escolar, participamos de um debate, escrevemos uma carta para uma autoridade pública, redigimos um requerimento, etc. Dada a importância da norma-padrão, a escola se propõe ensiná-la a todas as crianças e jovens do país, preparando-os para ingressar na vida social.

## Quantas línguas existem?

Já existiram 10 mil línguas diferentes no mundo, número que com o passar dos anos foi diminuindo. Hoje, existem 6.700 línguas vivas e apenas 250 delas contam com mais de 1 milhão de falantes. Possivelmente existem outras línguas, faladas por habitantes de lugares inóspitos, ainda não descobertos. A divisão de línguas por continentes é a seguinte:

Ásia 2.165

África 2.010

Oceania 1.300

América 1.000

Europa 225

Estima-se que metade dessas línguas irá desaparecer até o ano de 2050, o que significa que uma língua irá se extinguir a cada cinco dias.

(Marcelo Duarte. *O guia dos curiosos – Língua portuguesa*. São Paulo: Panda, 2003. p. 24.)



Fita Berraco

## ANEXO 03

As variedades do português que mais se aproximam da norma-padrão são prestigiadas socialmente. É o caso das variedades linguísticas urbanas, faladas nas grandes cidades por pessoas escolarizadas e de renda mais alta. Outras variedades, faladas em lugares distantes dos grandes centros, ou faladas por pessoas analfabetas ou de baixa escolaridade, ou por pessoas mais pobres, são menos prestigiadas e, por isso, frequentemente aqueles que as falam são vítimas de preconceito.

### Acesso às variedades de prestígio: questão de cidadania!

Você já percebeu como algumas pessoas simples, sem instrução e sem facilidade para se expressar ficam tímidas diante de outras pessoas que falam com clareza e fluência?

Ter acesso às variedades linguísticas prestigiadas socialmente e saber se expressar por meio delas tem sido um privilégio de poucos, mas é um direito de todo cidadão. Conhecendo a norma-padrão e apropriando-se de variedades de prestígio social, o cidadão fica em pé de igualdade linguística com as outras pessoas e, assim, torna-se mais fácil ouvirem sua voz e respeitarem seus direitos.

**Norma-padrão** é uma referência, uma espécie de modelo ou de “lei” que normatiza o uso da língua, falada ou escrita.

**Variedades urbanas de prestígio**, também conhecidas como **norma culta**, são as variedades empregadas pelos falantes urbanos mais escolarizados e de renda mais alta.



### Variação linguística e preconceito social

Você já deve ter ouvido alguém dizer que o português de uma cidade ou de um Estado é melhor do que o de outro lugar. Do ponto de vista linguístico, não existe uma variedade linguística melhor ou mais correta do que outra. Mesmo que uma variedade seja bastante diferente da norma-padrão, ela será boa se permitir aos seus falantes se comunicar e interagir entre si de modo eficiente.

Contudo, as variações da língua frequentemente são motivo de preconceito. Pessoas de baixa escolaridade, ou vindas do interior ou de regiões distantes dos grandes centros urbanos podem ser ridicularizadas ou inferiorizadas por falarem uma variedade diferente daquelas prestigiadas socialmente.

Na tira de Fernando Gonsales, a mulher devolve o papagaio porque não se identifica com a variedade linguística falada pela ave. Ou talvez para evitar que pensassem que ela ou a família dela tivessem sido o modelo para aquele modo de falar do papagaio.

### Falar bem é falar adequadamente

Leia esta tira, de Adão Iturrusgarai:



(Folha de S. Paulo, 13/8/2005.)

## ANEXO 04

1. Zezo e seus pais vão a um casamento, e o pai de Zezo reclama da roupa do filho.

a) Como Zezo está vestido no 1º quadrinho? Essa roupa é formal ou informal?

*Zezo usa bermuda, camiseta, tênis e boné, que são roupas informais.*

b) E os pais, como estão vestidos? Essa roupa é formal ou informal? *O pai de Zezo usa terno e gravata, e a mãe, vestido e sapato de salto alto, que são roupas formais.*

*Professor: Aproveite para discutir e exemplificar o que é uma situação formal e uma situação informal e apontar as diferenças de vestimentas, linguagem e postura nessas situações.*

c) Como o pai de Zezo esperava que o filho se vestisse para ir à festa?

*Provavelmente esperava que o filho vestisse uma roupa mais formal, ou seja, ao menos uma calça, uma camisa e um sapato.*

2. O humor da tira concentra-se no último quadrinho. Zezo atendeu à expectativa dos pais? Por quê?

*Não; ele apenas acrescentou uma gravata à roupa que estava usando. A combinação ficou pior, pois a gravata, que é própria de trajes formais, não é compatível com a informalidade das outras peças.*

A tira cria humor a partir do conceito de adequação e inadequação das roupas. Com a língua não é diferente: variamos o emprego da língua de acordo com a situação.

Em situações mais formais, empregamos uma variedade linguística mais formal e próxima da norma-padrão. Em situações informais, empregamos igualmente uma variedade linguística informal, sem a rigidez das regras da norma-padrão.

Quando entramos na escola, já conhecemos e dominamos algumas variedades, como a falada na família, na rua ou no bairro. Porém, na escola, temos a oportunidade de nos apropriar de variedades linguísticas de prestígio, que poucas pessoas dominam e são indispensáveis para nossa vida social e profissional.

Enfim, todas as variedades linguísticas têm seu valor e sua importância. Mas saber usar bem uma língua significa saber empregar a variedade linguística mais adequada a cada situação.



### Tipos de variação linguística

As variações de uma língua podem ocorrer por diferentes motivos. Conheça, a seguir, alguns deles.

#### Diferenças de lugar ou região

Diferenças geográficas têm relação com variações da língua. Por exemplo, algumas cidades do interior usam uma variedade linguística diferente da falada na capital; o português falado no Rio Grande do Sul é diferente do falado em Pernambuco ou no Pará; o português falado no Brasil é diferente do falado nos países africanos de língua portuguesa.

As diferenças podem ser de som (pronúncia), de vocabulário e até de construções frasais. Veja um exemplo na tira a seguir.

### A língua portuguesa no mundo

A língua portuguesa tem presença significativa em quatro continentes. Além de ser falada no Brasil (América do Sul) e em Portugal (Europa), está presente em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe (na África) e em Goa e Timor Leste (Ásia).

Se, dentro do Brasil, notamos variações linguísticas de uma região para outra, imagine de um continente para outro!

Fonte: Marcelo Duarte. *O guia dos curiosos – Língua portuguesa*. São Paulo: Panda, 2003. p. 58.



(Chico Bento, nº 424.)

## ANEXO 05

Na tira, a fala de Chico Bento (1º quadrinho) está de acordo com a língua falada pela maior parte dos brasileiros, já que falantes de toda parte podem dizer “quiria” em vez de **queria** e “sê” em vez de **ser**. Porém, na fala do outro garoto (3º quadrinho), o emprego de “discurpa” em vez de **desculpa** mostra que ele é um falante do dialeto caipira, no qual frequentemente o **l** é trocado pelo **r**: “arto” (alto), “parmo” (palmo), “lençor” (lençol), etc.

### Escolaridade e classe social

A variedade linguística que você observou na tira de Fernando Gonsales reproduzida na página 39 é um exemplo das variações ocasionadas pelo baixo grau de escolaridade: o emprego de “bicicreta”, “cocrete” e “cardeneta” é comum entre pessoas que frequentaram pouco ou não frequentaram a escola.

### Diferenças históricas

Com o passar do tempo, uma língua sofre variações. Leia estes versos de uma cantiga de roda:

Chora, menina, chora  
Chora porque não tem  
Vintém.  
Menina que está na roda  
Parece uma toleirona,  
Bobona.

(Domínio público.)

Nesses versos, há duas palavras que caíram em desuso: **vintém** e **toleirona**. **Vintém** é uma antiga moeda de pouco valor, e **toleirona** é pessoa tola, bobalhona.

### Oralidade e escrita

Em princípio, a língua oral é mais espontânea do que a língua escrita. Na língua oral são comuns, por exemplo, as repetições, as quebras na sequência de ideias, problemas de concordância e o uso de expressões de apoio, como **né?**, **tá?**, **entendeu?**, **hum...**, etc. Já a língua escrita é mais monitorada, pois temos condições de escolher bem as palavras, de corrigir o texto e melhorá-lo até transmitir exatamente o que desejamos.

Contudo, essas diferenças entre oralidade e escrita têm diminuído bastante, principalmente nos dias de hoje. Primeiramente porque hoje a maior parte dos brasileiros sabe ler e escrever e, quanto mais uma pessoa lê, mais ela tende a empregar formas da língua escrita quando está falando em situações formais. Em segundo lugar porque, com o uso da Internet, as fronteiras entre o oral e o escrito têm se enfraquecido, já que os textos de *e-mails*, *orkut*, *twitter* e *facebook*, embora sejam escritos, aproximam-se bastante da fala.

### O português na Ilha da Madeira

O brasileiro que vai à Ilha da Madeira tem a impressão de que ouve um português igual ao falado em Portugal. No entanto, há muitas diferenças entre o português falado na ilha e o falado no continente. Conheça algumas das palavras e expressões madeirenses:

**abelhinha**: automóvel, táxi

**à pata**: a pé

**canalha**: conjunto de crianças

**catchu**: bola de futebol

**fazer ramelas**: fazer inveja

**joeira**: papagaio, pipa

**menino**: pessoa inteligente, esperta

**penca**: nariz



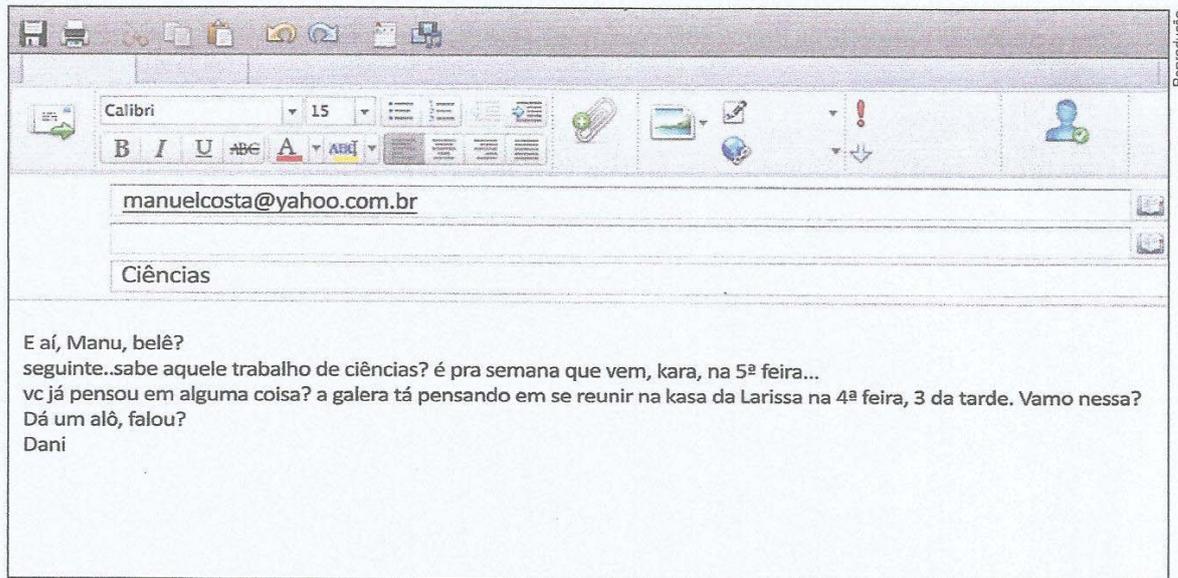
Stuart Forster/Robert Harding/ Latinstock

Madeira, ilha da costa africana dominada pelos portugueses desde o século XV, onde se fala o português madeirense.

## ANEXO 06

### Formalidade e informalidade: graus de monitoramento

Às vezes, mesmo sem perceber, falamos em determinadas situações de modo diferente do habitual. Por exemplo, quando falamos em público; quando, em busca de emprego, somos entrevistados; quando conversamos com pessoas mais instruídas do que nós ou com pessoas que ocupam cargo ou posição elevada. Nessas situações, monitoramos mais o que dizemos, evitando gírias, expressões grosseiras e palavras ou expressões que demonstrem intimidade com o interlocutor, como **fofinha, safado, pra caramba, dia de cão, é um saco**, etc., e, por isso, nossa fala se aproxima mais da norma-padrão. Quando isso ocorre, dizemos que a língua apresenta maior grau de formalidade. Quando, entretanto, ela apresenta menor monitoramento, dizemos que a língua é informal. Veja, como exemplo, este e-mail:



A informalidade que se nota no e-mail se dá em vários níveis. A intimidade que há entre os interlocutores é revelada no emprego de palavras reduzidas, como **Manu, belê, pra, tá**; no uso de gíria, observada em **galera**; e na utilização de grafia própria de textos que circulam na Internet, ocorrida em **kara** e **kasa**.

#### A gíria

Você já deve ter reparado que alguns grupos sociais — por exemplo, o grupo dos estudantes, o dos jogadores de futebol, o dos policiais, o dos esqueitistas, o dos funkeiros, o dos surfistas, etc. — usam na fala certas palavras e expressões que lhes são próprias. Esse tipo de variedade linguística é chamado de **gíria**. Normalmente criada por um grupo social ou profissional, a gíria, por sua expressividade, pode tanto desaparecer rapidamente quanto se estender à linguagem de todas as camadas sociais.



#### Gírias antigas

Pergunte aos seus pais e a seus avós se eles chegaram a utilizar algumas destas gírias antigas:

- bafafá:** confusão
- bicho:** forma de tratamento
- boko-moko:** pessoa que não sabe se comportar
- carango:** carro
- chuchu beleza:** bom, bem-feito
- cri-cri:** chato
- nos trinques:** ótimo, certo
- plá:** conversa
- prafrentex:** avançado
- tá ruço:** está ruim

Fonte: Kárin Fusaro. *Gírias de todas as tribos*. São Paulo: Panda, 2001. p. 120-3.

## ANEXO 07

## Qual é a sua tribo?

A linguagem revela mais do que pensamentos e sentimentos. Revela também quem somos socialmente, isto é, nossa posição social, nosso grau de escolaridade, nossa timidez ou agressividade, nosso gosto cultural, o grupo ou a tribo de que fazemos parte — enfim, pela linguagem mostramos nossa forma de ser e de ver o mundo. Por isso, a língua que falamos pode tanto nos abrir quanto nos fechar portas socialmente. Na tira abaixo, por exemplo, palavras e expressões como “estamos ligados”, “só”, “mó feliz”, “10 paus” contribuem para caracterizar as personagens: jovens que se consideram “descolados” e, por isso, incorporam a gíria em sua linguagem cotidiana.



(Angeli. *Sangue bom*. São Paulo: Devir/Jacarandá, 2000. p. 37.)

## EXERCÍCIOS

Leia a tira a seguir, de Adão Iturrusgarai, e responda às questões 1 e 2.



(Folha de S. Paulo, 14/3/2012.)

- A tira satiriza o emprego da “tiponite” e do “gerundismo”.
  - O que é “tiponite”? É o hábito ou vício de empregar no discurso, a toda hora, e sem necessidade, a palavra *tipo*, criando, assim, um ruído na comunicação.
  - Sabendo-se que o sufixo *-ite* é muito empregado em nomes de doença (como *apendicite*, *amigdalite*) e significa “inflamação”, conclua: Qual é a visão do autor da tira a respeito da “tiponite”?  
A visão de que a “tiponite” é um vício, uma espécie de doença, que prejudica a comunicação.
  - Que grupos sociais costumam apresentar esse uso na linguagem?  
Principalmente os adolescentes e os jovens.
  - Dê sua opinião: Empregar a “tiponite” ajuda as pessoas a se identificarem com os colegas e serem aceitas no grupo? Por quê?  
Resposta pessoal. Professor: O objetivo da questão é abrir a discussão com a classe, a fim de que os alunos reflitam sobre a questão da identidade grupal e linguística.
- O “gerundismo” também é um fenômeno que surgiu no português brasileiro há alguns anos.
  - Em que consiste esse fenômeno? Consiste em empregar sem necessidade o gerúndio para designar uma ação futura.
  - Em que casos o gerúndio pode ser empregado normalmente, sem caracterizar “gerundismo”?  
Quando há ideia de continuidade, como, por exemplo, em “Passarei toda a tarde estudando” ou “Quando você chegou, eu estava dormindo”.
  - Como ficaria a fala do último quadrinho, caso a personagem não empregasse nem o “tiponismo” nem o “gerundismo”?  
Hoje eu vou almoçar (ou almoçarei) nesse horário. Mais tarde, vou falar (ou falarei)...

## ANEXO 08

Leia o anúncio a seguir e responda às questões de 3 a 5.



**FAROL** **SINAL**

**PAULISTANOS E CARIOCAS DE OLHO NO SEU ANÚNCIO.**

Na hora de anunciar, converse logo com quem interessa. Anuncie nos cadernos especiais temáticos de Veja São Paulo e Veja Rio. A mídia que garante um público selecionado, com ambiente editorial qualificado e pontual. Programe-se para o ano todo. Fique de olho no calendário. Aproveite também a grande novidade: o conteúdo on-line está à disposição para você exibir o seu produto.

SÃO PAULO (11) 3037-5748 – RIO (21) 2546-8114 – OUTROS ESTADOS (11) 3037-5578  
[www.midiakitveja.com.br](http://www.midiakitveja.com.br) – [publicidade.veja@abril.com.br](mailto:publicidade.veja@abril.com.br)  
[www.vejinha.com.br/tematicos](http://www.vejinha.com.br/tematicos) – [www.veja-rio.com.br/tematicos](http://www.veja-rio.com.br/tematicos)

3. A respeito do anúncio, responda:

- Quem é o anunciante? *A empresa publicitária que faz a divulgação das revistas Veja São Paulo e Veja Rio.*
- Quem são os destinatários do texto? *São empresas ou pessoas que têm interesse de anunciar algum produto ou serviço para o público dessas capitais.*
- Qual é a finalidade do anúncio? *Estimular empresas ou pessoas a anunciar nas revistas Veja São Paulo e Veja Rio.*

4. Na parte de baixo do anúncio, em letras menores, lê-se: “Na hora de anunciar, converse logo com quem interessa. Anuncie nos cadernos especiais temáticos de *Veja São Paulo* e *Veja Rio*”. Considerando o objetivo do anúncio, responda: Por que a imagem principal que se vê nele é a de um semáforo?

*O semáforo, por ser um elemento que todos olham no trânsito, reforça a ideia de que paulistanos e cariocas (portanto, o público de duas grandes cidades brasileiras) estarão de olho no anúncio a ser publicado.*

## ANEXO 09

5. Observe que, de cada lado do semáforo, há uma palavra: **farol**, à esquerda, e **sinal**, à direita.
- Considerando a finalidade do anúncio, interprete: Por que o anunciante escolheu essas palavras e as dispôs dessa forma no texto?
  - Em sua cidade, que palavra é usada para designar semáforo?  
Resposta pessoal.

### Salve o pernambucquês e o cearençês!

Conheça algumas das palavras e expressões usadas em Pernambuco e em outras cidades do Nordeste:

**aperreio**: preocupação, angústia

**arenga**: pequena briga

**bicado**: embriagado

**bufento**: desbotado

**danou-se**: expressão usada por alguém para indicar espanto ou anunciar que vai embora

**fuleiro** ou **peba**: fraco, sem valor, sem qualidade

**liso**: pobre ou em dificuldades financeiras

**mangar**: rir de alguém ou de algo

**mói**: grande quantidade

**munganga**: careta

**oxe**: expressão usada para indicar espanto

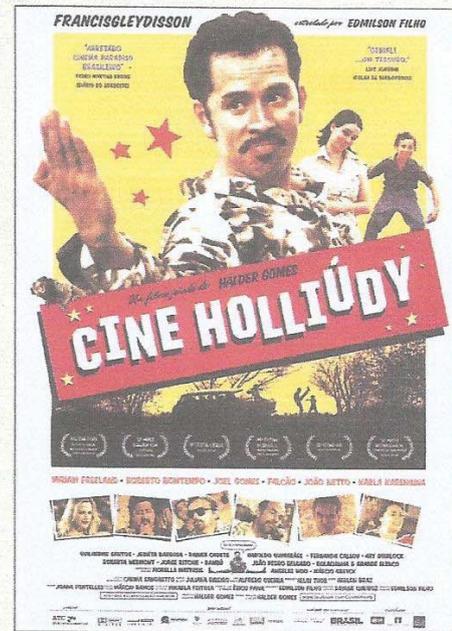
**pantim**: vergonha ou frescura

**rabissaca**: gesto de desdém, de dar as costas

**renca**: grupo de pessoas

**virado na catita**: alguém rápido

**xexero**: caloteiro, que não paga as contas



Cartaz do filme *Cine Holliúdy*, de Halder Gomes, o primeiro filme brasileiro falado em cearençês, com legendas em português.

- 5a. Porque essas palavras são variações utilizadas para designar semáforo. Uma (farol) é mais usada em São Paulo, e a outra (sinal) é mais usada no Rio de Janeiro. Dispondo-as uma de cada lado, o anunciante dá a entender que cada público requer uma mensagem e um veículo específicos, ou seja, no caso, *Veja São Paulo* e *Veja Rio*.

## AS VARIEDADES LINGUÍSTICAS NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO

Leia esta anedota:

O gerente de vendas recebeu o seguinte fax de um dos seus novos vendedores: 'Seo Gomis o criente de Belzonte pediu mais quatrocenta pessa. Faz favor toma as providenssa, Abrasso, Nirso.' Aproximadamente uma hora depois, recebeu outro: 'Seo Gomis, os relatório di venda vai xega atrasado proque to fexando umas venda. Temo que manda treis miu pessa. Amanhã tô xegando. Abrasso, Nirso.' No dia seguinte: 'Seo Gomis, num xeguei pucausa de que vendi maiz deis miu em Beraba. To indo pra Brazilha. Abrasso, Nirso.' No outro: 'Seo Gomis, Brazilha fexo 20 miu. Vo pra Frolinoplis e de lá pra Sum Paulo nó vinhão das cete hora. Abrasso, Nirso.' E assim foi o mês in-



Rico

## ANEXO 10

teiro. O gerente, muito preocupado com a imagem da empresa, levou ao presidente as mensagens que recebeu do vendedor. O presidente, um homem muito preocupado com o desenvolvimento da empresa e com a cultura dos funcionários, escutou atentamente o gerente e disse: – Deixa comigo, que eu tomarei as providências necessárias. E tomou. Redigiu de próprio punho um aviso e afixou no mural da empresa, juntamente com as mensagens de fax do vendedor: ‘A parti de oje nois tudo vamo fazê feito o Nirso. Si priocupá menos em iscrevê serto, mod vendê maiz. Acinado, O Prizidenti.’

(Disponível em: <http://m.piadasnet.com/?url=http%3A%2F%2Fwww.piadasnet.com%2Fpiadas-de-caipiras.htm#2776>. Acesso em: 15/07/2013.)

- 1c. Sr. Gomes, o cliente de Belo Horizonte pediu mais quatrocentas peças. Favor tomar as providências necessárias. Abraço, Nilson.  
 Sr. Gomes, os relatórios de venda vão chegar atrasados porque estou fechando umas vendas. Temos que mandar três mil peças. Amanhã estou chegando. Abraço, Nilson.  
 Sr. Gomes, não cheguei porque vendi mais dez mil peças em Uberaba. Estou indo para Brasília. Abraço, Nilson.  
 Sr. Gomes, Brasília fechou 20 mil. Vou para Florianópolis e de lá para São Paulo no avião das sete horas. Abraço, Nilson.

**1. Releia as mensagens passadas por fax pelo novo funcionário:**

- ‘Seo Gomis o crieinte de Belzonte pidiu mais cuatrucenta pessa. Faz favor toma as providenssa, Abrasso, Nirso.’
  - ‘Seo Gomis, os relatório di venda vai xega atrasado proque to fexando umas venda. Temo que manda treis miu pessa. Amanhã tô xegando. Abrasso, Nirso.’
  - ‘Seo Gomis, num xeguei pucausa de que vendi maiz deis miu em Beraba. To indo pra Brazilha. Abrasso, Nirso.’
  - ‘Seo Gomis, Brazilha fexo 20 miu. Vo pra Frolinoplis e de lá pra Sum Paulo no vinhão das cete hora. Abrasso, Nirso.’
- a) Essas mensagens correspondem ao padrão de linguagem que se espera na comunicação interna, em uma empresa, entre um subordinado e seu superior? Se não, o que foge a esse padrão?  
Não. Elas fogem ao padrão quanto à ortografia e à concordância.
- b) A escrita do novo funcionário não segue regras gramaticais ou segue regras diferentes das da norma-padrão? Justifique sua resposta. Ela segue a lógica da variedade falada pelo funcionário, ou seja, ele escreve tal como fala, e sua fala corresponde a uma variedade não prestigiada do português.
- c) Caso alguém fizesse uma revisão no texto das mensagens do funcionário a fim de adequá-las à norma-padrão, como elas ficariam? Escolha uma das mensagens e faça as alterações que julgar necessárias para isso.

**2. O gerente ficou preocupado com a imagem da empresa ao ler as mensagens e, por isso, levou-as até o presidente. Levante hipóteses:**

- a) Por que o gerente ficou preocupado? Porque ele acreditava que uma escrita e possivelmente uma fala que fogem às regras da norma-padrão podiam transmitir uma imagem negativa da empresa aos clientes.
- b) Levando-se em conta as vendas realizadas pelo funcionário, a preocupação do gerente se justificava? Não, pois mesmo não dominando a norma-padrão, o funcionário estava sendo eficiente como vendedor.

**3. O presidente, após a conversa com o gerente, disse que tomaria “as providências necessárias”. Quais providências eram provavelmente as esperadas pelo gerente?**

Que ele dispensasse o funcionário, ou que chamasse a atenção dele, exigindo que mudasse a escrita de suas mensagens.

**4. O humor do texto é construído com base na quebra da expectativa do leitor quanto à atitude do presidente. Qual é essa quebra de expectativa?**

O presidente não puniu o funcionário, como era esperado, e ainda o tomou como modelo para toda a empresa.

**5. Nas piadas, o efeito do humor geralmente é obtido por meio da exploração de crenças e preconceitos. No caso da anedota lida, qual é essa crença e/ou preconceito?**

A crença de que conhecer a norma-padrão é requisito indispensável para uma pessoa ser bem-sucedida em qualquer atividade profissional, o que não é verdadeiro, conforme mostra a anedota.

**6. Na sua opinião, o procedimento do presidente foi correto? Justifique sua resposta.**

Resposta pessoal. Professor: chame a atenção dos alunos para o preconceito e a intolerância que, em geral, há em relação às variedades que se distanciam da norma-padrão. Para obter efeito de humor, a piada explora extremos. Por seguir regras menos flexíveis que a fala, a escrita, em princípio, está mais próxima da norma-padrão. Mas é importante os alunos perceberem a atitude preconceituosa, baseada no senso comum, manifestada pelo gerente de vendas, na piada lida.

## ANEXO 11

## SEMÂNTICA E DISCURSO

A notícia a seguir foi publicada no *site* da Rádio e Televisão de Portugal (RTP), em 2/10/2013. Leia-a.

### Futebolista Marquinhos admite possibilidade de representar seleção portuguesa

Lisboa, 02 out (Lusa) – O futebolista brasileiro Marquinhos, autor de um dos golos da vitória por 3-0 do Paris Saint-Germain frente ao Benfica, na segunda jornada do grupo C da Liga dos Campeões, colocou hoje a hipótese de representar a seleção portuguesa.

“Tenho nacionalidade portuguesa, tenho dupla nacionalidade, brasileira e portuguesa. Tudo tem de ser estudado, de ser analisado com o meu empresário e com a família. Se o convite [para seleção portuguesa] vier, por que não? Vou ficar muito honrado e feliz”, respondeu à SportTV quando questionado sobre a possibilidade de vir a naturalizar-se.

Marquinhos confessou ainda que teve vergonha de pedir a camisola a um dos seus ídolos, o benfiquista Luisão, e destacou a dificuldade da vitória do PSG sobre o Benfica.

“A vitória pareceu ser fácil, mas não foi. Dentro de campo tivemos de nos impor, de lutar. Só nós sabemos o que lutámos dentro de campo”, garantiu.

O Benfica foi hoje derrotado por 3-0 pelo PSG, no Parque dos Príncipes, em Paris, em jogo da segunda jornada do Grupo C da Liga dos Campeões.

AMG // NF

(Disponível em: <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=685024&tm=44&layout=158&visual=49;>. Acesso em: 2/9/2013.)



Miguel Medeira/AFP Photo

**1.** Sobre a notícia, responda:

a) Em que idioma ela está escrita? *Em português.*

b) Você teve alguma dificuldade na leitura ou na compreensão do texto? Se sim, qual?

*Resposta pessoal. Professor: As dificuldades apontadas pelos alunos certamente envolvem o léxico, que será abordado em questões seguintes.*

**2.** Releia este trecho da notícia:

“Marquinhos confessou ainda que teve vergonha de pedir a camisola a um dos seus ídolos, o benfiquista Luisão, e destacou a dificuldade da vitória do PSG sobre o Benfica.”

a) Há no trecho uma palavra que causa estranheza ao leitor brasileiro. Qual é essa palavra? *camisola*

b) Qual é o significado dessa palavra no Brasil? *roupa de dormir feminina*

c) Levante hipóteses: qual é o significado dessa palavra em Portugal? Na leitura do texto, o que permite chegar a esse significado?

*camisa/O fato de o assunto do texto ser futebol e o costume que os jogadores de futebol têm de trocar camisas entre si.*

**3.** Recentemente, os países falantes do português assinaram um acordo que unifica a ortografia da língua.

a) Esse acordo resolve problemas quanto à diferença de significado de palavras? *Não.*

b) Indique duas outras palavras empregadas na notícia, além da apontada na questão anterior, que permanecem diferentes nas variedades lusitana e brasileira do português. *futebolista, golos*

**4.** Converse com seus pais e com seus avós e informe-se sobre quais gírias eram utilizadas no tempo em que eles eram crianças e adolescentes. Anote-as em seu caderno, leia-as para a classe e ouça as anotações de seus colegas.

*Professor: Seria interessante fazer uma relação dessas gírias, passá-las numa cartolina e expô-las no mural da classe.*

## ANEXO 12

5. Faz mais de quinhentos anos que a língua portuguesa foi trazida pelos portugueses ao Brasil. De lá para cá, muitas mudanças ocorreram na língua dos dois países; às vezes, temos até a impressão de que falamos línguas diferentes. Veja algumas palavras usadas no Brasil e suas correspondentes em Portugal:

Brasil	Portugal
ônibus	autocarro
abridor de garrafas	tira-cápsula
aeromoça	hospedeira
café da manhã	pequeno almoço
chiclete	pastilha elástica

Tente descobrir a correspondência entre as seguintes palavras do português brasileiro e do português lusitano. Indique-a em seu caderno.

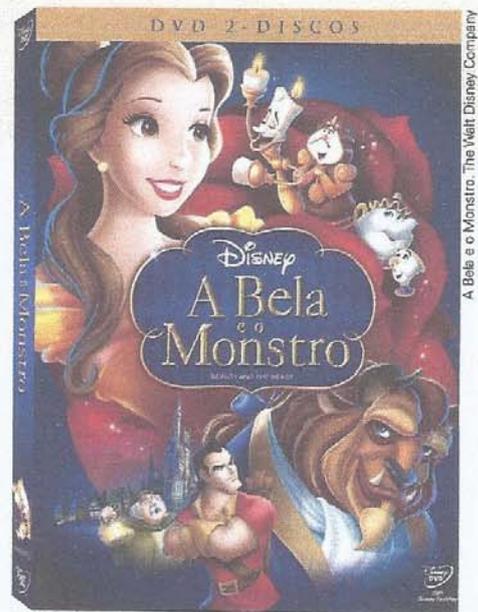
Brasil	Portugal
a) calcinha	f) gelado
b) caqui	d) miúdo
c) fila	a) cueca
d) garoto	c) bicha
e) salva-vidas	b) dióspiro
f) sorvete	e) banheiro
g) telefone celular	g) telemóvel
h) bola	h) esférico

### Filmes em Portugal

As diferenças entre o português brasileiro e o lusitano também se refletem nos nomes dos filmes. Veja algumas delas:

<i>A bela e a fera</i>	<i>A bela e o monstro</i>
<i>Arquivo X</i>	<i>Ficheiros secretos</i>
<i>O gordo e o magro</i>	<i>Bucha e estica</i>
<i>O professor aloprado</i>	<i>O professor chanfrado</i>
<i>Querida, encolhi as crianças</i>	<i>Querida, encolhi os miúdos</i>

Fonte: Marcelo Duarte. *Guia dos curiosos — Língua portuguesa*. São Paulo: Panda, 2003. p. 60.



## Divirta-se

A menininha foi visitar a avó no campo. A avó tinha uma criação enorme de aves, e a menininha, que morava na cidade, ficou encantada. De repente, passeando pelos arredores da fazenda da vovó, ela viu um pavão. Voltou correndo pra casa e, toda alegre, avisou pra vovó:

– Vovó... vovó... uma de suas galinhas está dando flor!

(Ziraldo. *O livro do riso do Menino Maluquinho*. São Paulo: Melhoramentos, 2000. p. 60.)

